

ANA MÁRCIA MARTINS DA SILVA

**AS VOZES VERBAIS SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DA REGÊNCIA E
LIGAÇÃO: UMA ANÁLISE DE MANUAIS DE ENSINO DA LÍNGUA
PORTUGUESA**

Dissertação apresentada como requisito
para obtenção do grau de Mestre pelo
Programa de Pós-Graduação em Letras
da Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª. Dr. Ana Maria Tramunt Ibaños

Porto Alegre

2006

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586v Silva, Ana Márcia Martins

As vozes verbais sob a perspectiva da teoria da regência e ligação : uma análise de manuais de ensino da língua portuguesa. / Ana Márcia Martins Silva. – Porto Alegre, 2006.

112 f.

Diss. (Mestrado em Letras), Fac. de Letras, PUCRS

Orientador: Prof^a. Dr. Ana Maria Tramunt Ibaños

1. Português – Verbo. 2. Português – Regência Verbal.
3. Gramática. 3. Voz Média. I Título.

CDD 469.518

Bibliotecária Responsável: Salete Maria Sartori, CRB 10/1363

Ana Márcia Martins da Silva

**AS VOZES VERBAIS SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DA REGÊNCIA E
LIGAÇÃO: UMA ANÁLISE DE MANUAIS DE ENSINO DA LÍNGUA
PORTUGUESA**

Dissertação apresentada como requisito
para obtenção do grau de Mestre pelo
Programa de Pós-Graduação em Letras
da Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul.

Aprovado em: _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr. Ana Maria Tramunt Ibaños - PUCRS

Prof. Dr. Jorge Campos da Costa - PUCRS

Prof^a. Dr. Sabrina Pereira de Abreu - UFRGS

Este trabalho é dedicado a todos quantos tiveram paciência comigo durante a pesquisa: pais, marido, alunos, colegas, escola. Seu apoio foi de vital importância para que eu não esmorecesse.

AGRADECIMENTOS

Muitas são as pessoas que me auxiliaram durante o período do Mestrado, e, se quisesse listar aqui o nome de todas, correria o risco de omitir algum. Assim, faço um agradecimento a todos por meio das palavras de Eduardo Galeano, em seu Livro dos Abraços, pelo tanto que me ajudaram *a olhar o mar*.

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.

Viajaram para o Sul.

Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E, quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

- Me ajuda a olhar!

A função da arte/1, p. 15

LISTA DE QUADROS E DE TABELAS

Quadro - 1 Categorias Lexicais e Sintagmáticas	24
Quadro - 2 Parâmetro do Sujeito Nulo	33
Tabela - 1 Descrição das Vozes Verbais no Livro Português – Língua e Literatura	58
Tabela - 2 Descrição as Vozes Ativa e Passiva, do Emprego de se e do Agente da Passiva na Novíssima Gramática da Língua Portuguesa	66
Tabela - 3 Descrição das Vozes Reflexiva e Média, dos Verbos Auxiliares e das Locuções Verbais na Novíssima Gramática da Língua Portuguesa	68
Tabela - 4 Descrição das Vozes Verbais no Livro Português – Série Brasil	71
Tabela - 5 Descrição de Agente da Passiva e das Vozes Ativa, Passiva, Reflexiva e Média na Nova Gramática do Português Contemporâneo	79
Tabela - 6 Descrição de Valores de Se, Verbos Auxiliares e Locuções Verbais na Nova Gramática do Português Contemporâneo	82

RESUMO

Esta dissertação versa sobre as vozes verbais, utilizando a Teoria da Regência e Ligação, proposta por Chomsky (1981), que fornecerá subsídios para a análise de conceitos e exemplos trazidos por quatro gramáticas do Português Brasileiro amplamente adotadas pelos falantes brasileiros, especialmente por alunos e professores de escolas de Ensino Fundamental e Médio. Discute-se a inadequação de alguns conceitos e exemplos e sugere-se que tal problema é gerado pela existência de outro tipo de voz verbal – a Voz Média – no PB, que é desconsiderada pelos autores das obras do *corpus*.

Palavras-chave: Vozes Verbais. Regência e Ligação. Gramáticas. Voz Média.

ABSTRACT

This thesis is about verbal voices applying the Government and Binding Theory, proposed by Chomsky (1981) which will supply subsidies to analyze concepts and examples used by four Brazilian Portuguese grammars widely adopted by Brazilian speakers, especially by learners and teachers of Elementary and High Schools. We discuss some inappropriate concepts and examples and suggest that this problem is generated by the existence of another type of verbal voice – the Middle Voice – in PB, which it is not considered by the authors of the works of *corpus*.

Key-works: Verbal Voices. Government and Binding. Grammars. Middle Voice

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. UMA VISÃO DA GRAMÁTICA GERATIVA.....	13
1.1. De um modelo de regras para a Teoria de Princípios e Parâmetros.....	13
1.2. Teoria X-Barra	22
1.3. O Princípio da Projeção.....	23
1.3.1. A Subcategorização Verbal	28
1.4. Teoria- θ	33
1.5. Teoria do Caso e Teoria da Regência.....	38
1.6. Teoria da Ligação.....	45
1.7. Teoria do Movimento.....	47
1.7.1. Verbos de Alçamento	49
2. AS VOZES VERBAIS NAS GRAMÁTICAS ESCOLARES.....	54
2.1. Português – Língua e Literatura, de Maria Luiza Abaurre, Marcela Nogueira Pontara e Tatiana Fadel.....	54
2.2. Novíssima Gramática da Língua Portuguesa, de Domingos Paschoal Cegalla	59
2.3. Português – Série Brasil, de Faraco e Moura.....	69
2.4. Nova Gramática do Português Contemporâneo, de Cunha e Cintra.....	72
3. ANÁLISE DOS DADOS	84
3.1. A Validade dos Conceitos	84
3.1.1. Voz Ativa	85
3.1.2. Voz Passiva, Agente da Passiva, Verbos Auxiliares e Locução Verbal	86
3.1.3. Voz Reflexiva e Voz Média.....	98
3.2. A Coerência dos Exemplos	100
3.2.1. Voz Ativa	100
3.2.2. Voz Passiva.....	102
3.2.3. Voz Reflexiva.....	104
CONCLUSÃO	108
REFERÊNCIAS.....	111

INTRODUÇÃO

A prática de sala de aula traz-nos, algumas vezes, dúvidas a que a Gramática Tradicional nem sempre responde. Professores e alunos encontram um emaranhado de conceitos e de exemplos que mais os confundem do que os auxiliam, porque não há, em nossas gramáticas escolares, uma teoria lingüística que embase as informações fornecidas. Entre os problemas encontrados nas gramáticas, verificam-se descrições confusas e explicações vagas, o que nos instigou a verificar com maior profundidade a forma como as vozes verbais são tratadas nesses compêndios escolares.

Por que uma sentença como *O vento agitava as águas* não pertence à Voz Ativa se assim indica a Gramática Tradicional? Por que *Depois das denúncias de corrupção, o governador demitiu-se de suas funções* não é Voz Reflexiva se assim indica a Gramática Tradicional? Questões como essas nos levaram a compor este trabalho sobre as vozes verbais, no intuito de tentar esclarecer a que tipo de voz pertencem essas sentenças e por que a classificação dada é inadequada.

Para tanto, utilizaremos a Teoria da Regência e Ligação (GB¹), proposta por Chomsky (1981), que nos fornecerá subsídios para a análise de conceitos e exemplos trazidos por quatro gramáticas do Português Brasileiro amplamente utilizadas em nossas escolas por alunos e professores de Ensino Fundamental e Médio. Não se trata, no entanto, da defesa de adoção de uma teoria lingüística em especial, mas do reconhecimento da contribuição que ela pode trazer para o ensino da gramática. Mais do que isso, pretendemos mostrar, através dessa

¹ Do inglês *Government and Binding Theory*.

análise, a necessidade de que uma teoria, seja ela qual for, embase os estudos de nossos gramáticos.

No capítulo 1, apresentaremos uma visão geral da Teoria Gerativa, descrevendo os modelos que foram sendo desenvolvidos a partir de Chomsky (1957), destacando as novas regras inseridas para resolver problemas que tinham ficado sem resposta nos modelos anteriores. Assim, na seção 1.1, passaremos pelas etapas do Modelo Padrão (1965), do Modelo Padrão Estendido (1970), do Modelo Padrão Estendido e Revisado (1973), do Modelo T (1977) até chegarmos à Regência e Ligação (1981).

Nas seções seguintes do capítulo 1, trataremos especificamente das várias teorias que compõem a GB e que serão fundamentais para nossa análise. Em 1.2 descreveremos a Teoria X-barras, que nos fornecerá a informação de que todas as categorias sintagmáticas são encabeçadas por um item lexical, que será o seu núcleo, representando a projeção 0 (X^0). O Princípio da Projeção e a subcategorização verbal, em 1.3, permitir-nos-ão explicar com mais detalhes as categorias sintagmáticas e os itens lexicais que as compõem, complementando a descrição da Teoria X-barras.

As teorias *Theta*, do Caso, da Regência, da Ligação e do Movimento, respectivamente nas seções 1.4, 1.5, 1.6 e 1.7, conduzir-nos-ão ao detalhamento da construção das vozes verbais. Os conceitos que essas teorias nos trazem serão utilizados no capítulo 3, quando será feita a análise dos dados coletados nas gramáticas que constituem o *corpus* deste trabalho.

O capítulo dois ater-se-á, então, simplesmente a discriminar os dados coletados no *corpus*, que será composto pelos seguintes manuais de ensino da Língua Portuguesa: *Novíssima Gramática de Língua Portuguesa*, de Domingos Paschoal Cegalla (1998); *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha (2001); *Português série Brasil*, de Faraco e Moura (2004); e *Português –*

Língua e Literatura, de Maria Luiza Abaurre, Marcela Nogueira Pontara e Tatiana Fadel (2000).

Os dados coletados obedecerão à seguinte delimitação:

- (i) voz ativa
- (ii) voz reflexiva
- (iii) voz média
- (iv) verbos auxiliares
- (v) locução verbal

Desses tópicos, serão verificados o capítulo em que estão inseridos, a definição e os exemplos apresentados, a teoria subjacente às definições e as observações dos autores ao final dos respectivos capítulos. Os dados de cada seção serão organizados em uma tabela que sintetizará as informações obtidas.

No capítulo 3, poderemos finalmente responder às perguntas apostas no início desta introdução, uma vez que analisaremos, à luz da GB, os conceitos utilizados por esses manuais, bem como seus exemplos. Destacaremos basicamente as sentenças que apresentam problemas, porque são essas que nos interessam, utilizando as adequadas apenas como contraponto às inadequadas.

Na conclusão, procuraremos sugerir alguns caminhos para que se verifique um ensino mais eficiente das vozes verbais. Não será nossa intenção, no entanto, impor normas para esse ensino, mas demonstrar como a utilização de uma teoria lingüística pode solucionar problemas para os quais nós, professores de Língua Portuguesa, às vezes, não encontramos respostas em nossas gramáticas.

1. UMA VISÃO DA GRAMÁTICA GERATIVA

Neste capítulo, apresentaremos a Teoria de Princípios e Parâmetros (doravante GB), que será o suporte para o estudo das vozes verbais em Língua Portuguesa. Nosso intuito é fornecer informações suficientes para que se possam entender as discussões que serão feitas nesta dissertação, principalmente no que se refere à designação dos papéis- θ dos argumentos verbais e de seus movimentos dentro da sentença.

Na seção 1.1, daremos uma visão geral da Teoria Gerativa, destacando suas características universais e as modificações que sofreram, ao longo do tempo, os modelos gerativos anteriores, principalmente no caminho de *Mover α* . Na seções seguintes, partiremos para uma descrição mais detalhada daqueles aspectos da teoria que nos interessam neste estudo, uma vez que estão diretamente ligados à construção das vozes verbais, quais sejam:

- 1.2 a Teoria X-barras;
- 1.3 o Princípio da Projeção e a subcategorização verbal;
- 1.4 a Teoria- θ ;
- 1.5 a Teoria do Caso e a da Regência;
- 1.6 a Teoria da Ligação;
- 1.7 a Teoria do Movimento.

1.1. De um modelo de regras para a Teoria de Princípios e Parâmetros

Chomsky parte da concepção de Gramática Universal (doravante UG²), vista aqui como “o sistema de princípios, condições, e regras que são elementos

² Do inglês, *Universal Grammar*.

ou propriedades de todas as línguas humanas... a essência da linguagem humana” (CHOMSKY, 1976 apud COOK, 1996, p.2).

Chomsky e Lasnik (1991) afirmam que uma característica importante desse sistema é o fato de ele permitir infinito uso de meios finitos e que esses meios finitos compõem uma língua em particular. Essa afirmação, segundo os autores, é emprestada a Humboldt (1836), que já preceituava que “uma língua faz uso infinito de meios finitos” e que “a gramática dessa língua deve descrever os processos que tornam isso possível”.

Mas a idéia de que o conhecimento já está em nós, sem que seja necessariamente ensinado, é mais antiga ainda do que Humboldt e Chomsky; vem de Platão e Sócrates. Nos *Diálogos*, mais especificamente em *Mênon*, Platão apresenta a discussão de Sócrates e Mênon sobre se a virtude é ensinada ou se se nasce com ela. Ao solicitar ao escravo, analfabeto e sem conhecimento algum de geometria, que resolva um problema, Sócrates demonstra que ele (o escravo) pode fazê-lo sem que tenha sido ensinado para isso.

A explicação dada por Platão para esse conhecimento, no entanto, não é exatamente sobre inatismo, mas sobre reminiscências de vidas passadas. A Teoria Gerativa não considera as reminiscências de vida passadas, mas parte de Platão para explicar aquilo em que ela acredita, ou seja, que há uma gramática subjacente a todas as línguas e que essa gramática está diretamente ligada à competência lingüística do ser humano. Chomsky ([1997]) encontrou em *Mênon* o germe daquilo com que se preocupava.

(...) no início dos anos 60, provavelmente em 62 ou 63, um filósofo clássico muito conhecido de Princeton, Gregory Vlastos, veio para Boston para dar uma palestra. A sua palestra era sobre o diálogo *Meno* de Platão, o famoso diálogo em que Platão descreve como um menino escravo conhecia a Geometria, mesmo sem nenhuma experiência. Ele demonstrou isso simplesmente perguntando ao garoto uma série de questões, não dando nenhuma informação e conseguindo obter do menino escravo, que não era escolarizado, um conhecimento sobre Geometria, o que significa que isso sempre esteve lá, escondido em

algum lugar. (...) Vlastos fez um relato acadêmico do diálogo, mas apresentou-o como se fosse algo absurdo e ridículo, como se quisesse se desculpar por nos importunar com aquele tipo de coisa. Nós éramos jovens e tínhamos recém terminado o curso de pós-graduação. Nós nos colocamos contrários a sua visão. Levantamos questões e dissemos 'não, é um assunto muito sério' e, de fato, está correto, é o jeito como as coisas realmente funcionam. Platão estava essencialmente correto.

A partir daí, Chomsky formula as quatro questões clássicas que nortearam a sua busca por uma “gramática humana”: (1) o que constitui o conhecimento da linguagem? (2) como tal conhecimento é adquirido? (3) como tal conhecimento é posto em uso? e (4) quais são os mecanismos físicos que servem de base material para esse sistema de conhecimento e para o uso que é feito de tal conhecimento?. Delas partiu para as definições de *competência* e *desempenho*. As duas primeiras perguntas enquadram-se na *competência*, o que Chomsky define como o conjunto de normas internalizadas que nos permitem a construção de frases gramaticais. O uso dessas construções, para estabelecer comunicação e entendimento, é o *desempenho*, cujo estudo parte da terceira pergunta. É a *competência*, no entanto, que permitirá à Lingüística investigar o funcionamento da linguagem humana.

Uma língua determina uma gama de objetos simbólicos, que são chamados de *descrições estruturais* (SDs)³. Então, considerada como um procedimento gerativo a partir de um número finito de meios, ela enumera um conjunto infinito de SDs (CHOMSKY E LASNIK, 1991). Ou seja, esse uso infinito indica os processos que a UG possibilita. Isso permite distinguir que a faculdade da linguagem é analisada em termos de Linguagem-I e Linguagem-E. A Linguagem-I, como entidade mental, não corresponde à noção sócio-geográfico-política de “língua”: esta é a “língua-I”, de “interna”, de “individual”, “intensional”, em que “interna” quer dizer que o falante lida com seu conhecimento apenas.

Ela corresponde à faculdade da linguagem, que, a partir de seu estado inicial, passa por várias fases, incorporando uma língua-I final, ou seja, uma

gramática da língua a que o falante foi exposto, aquela que ele fala, que lhe permite compreender, produzir e perceber um número infinito de expressões, usá-las para várias finalidades, ter intuições sobre elas (RAPOSO, 1998). Neste ponto, então, a Linguagem-I transforma-se em Linguagem-E.

Essas discussões permeiam os estudos de Chomsky sobre a linguagem e sobre a UG durante a evolução dos modelos da Gramática Gerativa. Para melhor compreendermos essa evolução, faremos um retrospecto das modificações que foram sendo inseridas em cada modelo a partir de Chomsky (1965).

Com a publicação de *Aspects of the Theory of Syntax* (1965), Chomsky colocou como princípio da gramática que as transformações não podem alterar o significado das seqüências às quais se aplicam, isto é, a representação semântica é vista como uma construção com base na estrutura sintática profunda. Segundo Perini (1976, p. 101), essas transformações são operações puramente formais e suprimem, substituem, acrescentam ou permutam constituintes nas estruturas a que se aplicam. Algumas são relativamente simples, como a supressão do sujeito idêntico⁴, e outras são mais complexas, como a passivização.

A estrutura desse modelo é representada em (1).

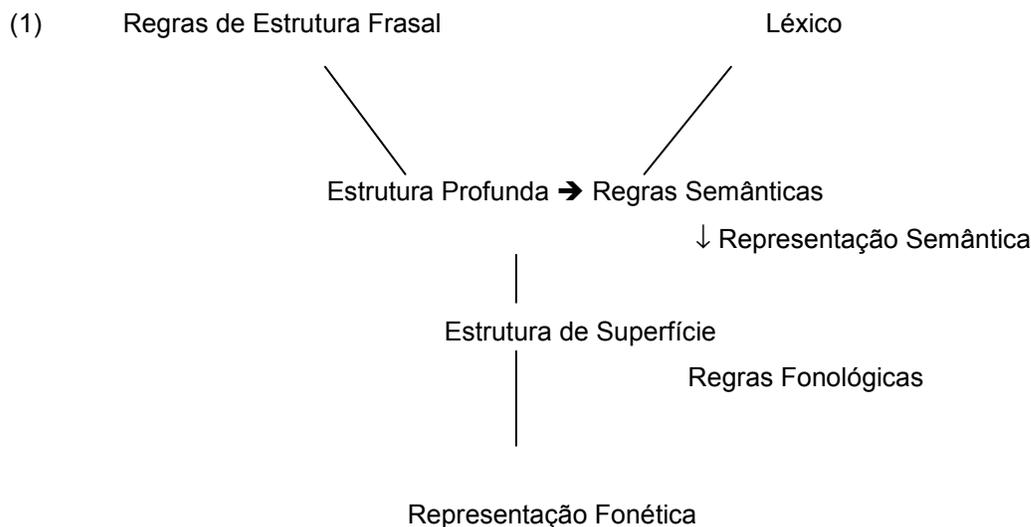
³ *Structural descriptions* – Nesta dissertação, serão mantidas as siglas em inglês.

⁴⁴ Exemplo: 1) [Antônio querer [Antônio sambar com a Portela]]

2) [Antônio querer [sambar com a Portela]]

O sujeito da oração subordinada é suprimido por ser idêntico ao SN* **Antônio** da oração principal. (PERINI, 1976, p. 101)

* Perini utiliza SN (sintagma nominal).



Esse modelo, no entanto, não conseguiu resolver alguns problemas como o apresentado em (2):

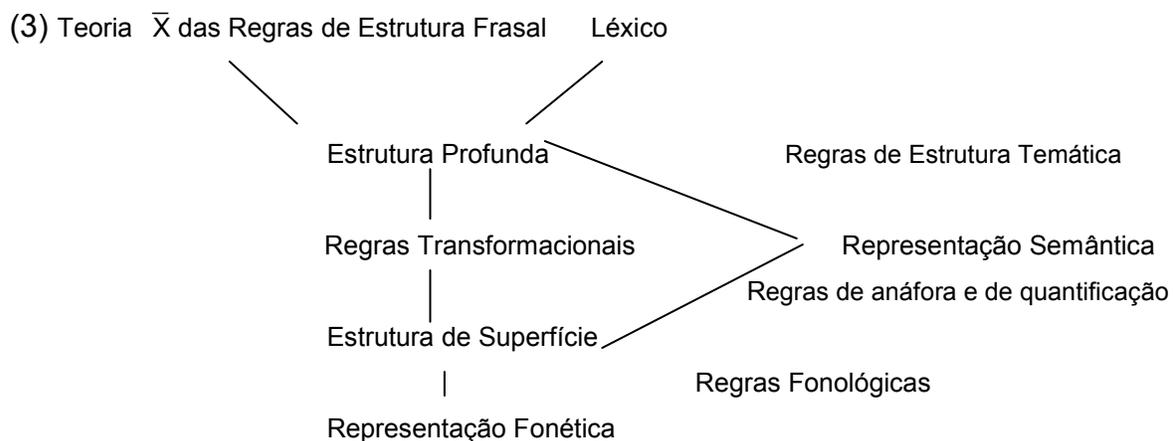
(2) a) Só um aluno não entregou o exercício.

b) O exercício não foi entregue por só um aluno.⁵

Claro está que a transformação de (2a) em (2b) não manteve o mesmo significado da sentença. Pela explicação do Modelo Padrão, as duas sentenças têm a mesma estrutura profunda (ou subjacente), e a transformação, no caso a passivização de (2a), não lhes alteraria o significado. No entanto, a presença do quantificador e da negação demonstraram que há certos aspectos da interpretação semântica que não podem ser determinados apenas na estrutura profunda. Assim, a teoria precisava ser revista, e havia dois caminhos a seguir: considerar que frases aparentadas mas com diferenças semânticas têm estruturas profundas diferentes, ou que as transformações teriam efeito na estrutura semântica.

⁵ Adaptado de Lobato (1986, p. 266).

Surgiu, então, uma nova versão do modelo gerativo, chamada de Modelo Padrão Estendido. Chomsky (1970), seguindo sugestão de Jackendoff, propôs que se levassem em consideração alguns aspectos da estrutura de superfície na interpretação semântica. A esquematização do Modelo Padrão Estendido pode ser representada como em (3).



Em 1973, Chomsky acrescentou ao Modelo Padrão Estendido um novo elemento, o vestígio ou traço, nas derivações sintáticas. A inclusão desse elemento na teoria trará modificação significativa na gramática: a interpretação semântica pode ser feita exclusivamente a partir da estrutura de superfície, que passará a ser uma estrutura de superfície enriquecida com vestígios e receberá o nome de Estrutura S.

Em (4b), apresentamos a derivação sintática de (4a) já com o novo elemento proposto por Chomsky, o vestígio.

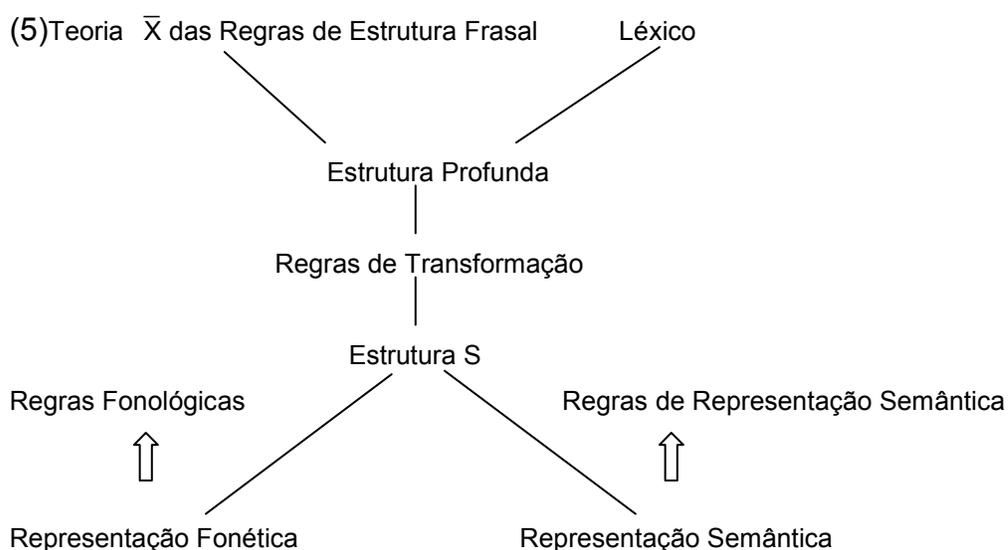
- (4) a) O João comeu o quê?
 b) O que_i o João comeu t_i?

Em (4a), o NP⁶ “o quê” ocupa a posição de objeto do verbo “comer”; em (4b), ele é movido para o início da oração, mas deixa um traço na posição que antes

⁶ Do inglês, *Noun Phrase*.

ocupava. (4b), a Estrutura S de (4a), permite que se faça a interpretação semântica da sentença.

A esse modelo, primeiro Chomsky chamou de Teoria Padrão Ampliada e Revisada; depois, passou a chamá-lo simplesmente de *EST (Extended Standard Theory)*, como uma forma de enfatizar mais suas semelhanças do que suas diferenças. Em (5), temos a esquematização do modelo.



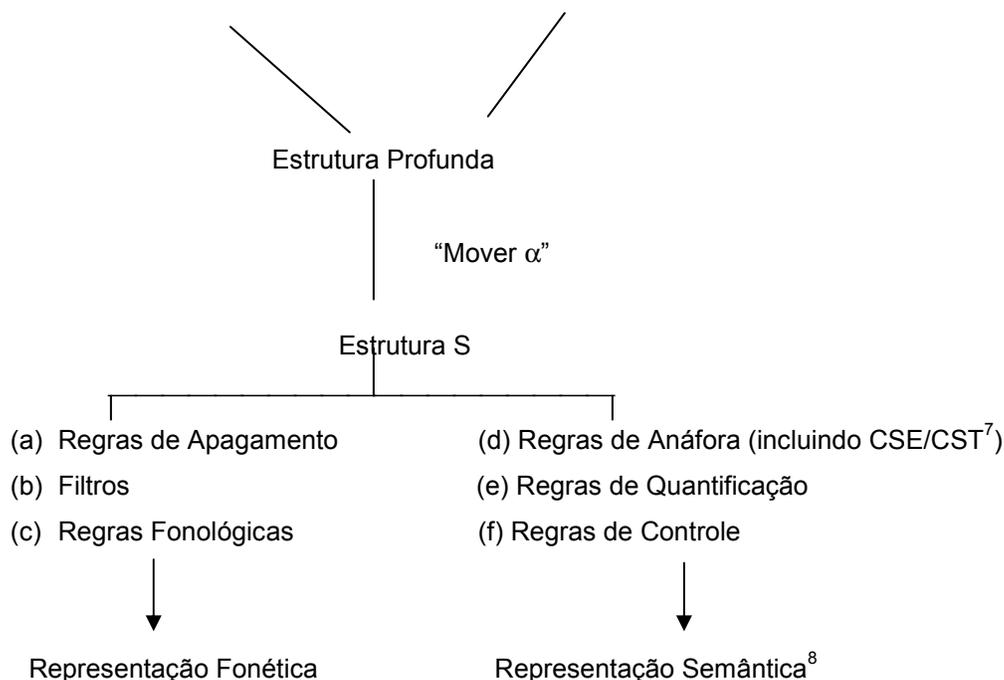
O interesse em restringir o poder descritivo do modelo transformacional levou à demonstração de que o componente transformacional pode ser reduzido a um mínimo absoluto – “Mover α ” – com a introdução de certos princípios e restrições muito gerais assim como de um componente de filtros. De acordo com estes desenvolvimentos, Chomsky e Lasnik (1977) propuseram a concepção do modelo que é geralmente conhecido como Modelo-T – assim chamado porque provoca uma interpretação tripartida do modelo extremamente simples e global (RIEMSDIJK E WILLIAMS, 1986):

(6) Sintaxe

Fonologia | Semântica

Abaixo, apresentamos a representação do Modelo-T da gramática, como proposto por Chomsky e Lasnik em 1977.

(7) Teoria \bar{X} das Regras de Estrutura Frasal Léxico



Depois do Modelo-T, chegamos à Teoria de Princípios e Parâmetros (1981), que inclui a Teoria da Regência e Ligação, que vai se preocupar com a descrição dos elementos que compõem UG. A língua-I tem dois componentes: um léxico e um sistema de princípios (regras, operações) que operam recursivamente sobre os itens do léxico e sobre as expressões complexas formadas a partir destes. A esse sistema de princípios, chamamos Sistema Computacional, que abreviamos C_{HL} . Essa língua é, portanto, um mecanismo que gera um conjunto infinito de expressões. Sua teoria consiste numa especificação intensional das suas propriedades gramaticais (princípios, parâmetros, etc.). Essas propriedades são articuladas em vários níveis de representação, que são as SDs. Na PP, cada

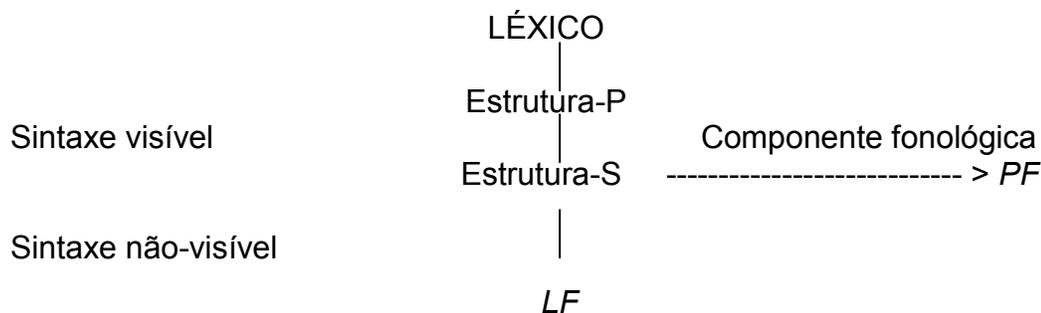
⁷ *Condição sobre Sujeito Especificado e Condição sobre Sentença de Tempo*

⁸ Diagramas baseados em Riemsdijk e Williams (1986).

uma dessas SDs é um conjunto de quatro níveis de representação simbólica: *Estrutura Profunda*, *Estrutura de Superfície*, *Forma Fonética* e *Forma Lógica*⁹.

Esquemáticamente, a Linguagem-I do modelo P&P pode ser representada como em (8):

(8)



Cada nível de representação das SDs capta propriedades diferentes das expressões lingüísticas: a D-S é a representação sintática “pura” das propriedades lexicais (c-seleção¹⁰ e s-seleção¹¹) dos itens que formam E, a Linguagem-E, assim chamada por ser “externa”, “extensional”, em que “externa” significa adquirida, como objeto sociológico, caracterizada como o conjunto de frases “gramaticais” de uma língua; a PF traz as propriedades fonéticas de E, com a sua estrutura silábica e prosódica; a LF contém as propriedades de significação (semânticas) de E, como estrutura argumental, papéis temáticos, etc.); a S-S é um nível de representação entre a D-S e a LF, onde estão representadas as operações de C_{HL}.

Nas seções seguintes, trataremos dos aspectos da UG que serão o suporte para a análise da forma como as gramáticas do Português Brasileiro (doravante PB) tratam as vozes verbais, especialmente a voz média. Como a GB é subdividida em teorias, trataremos cada uma delas separadamente.

⁹ Estes níveis serão representados pelas abreviaturas do inglês: D-S, S-S, PF e LF.

¹⁰ Seleção categorial

¹¹ Seleção semântica

1.2. Teoria X-Barra

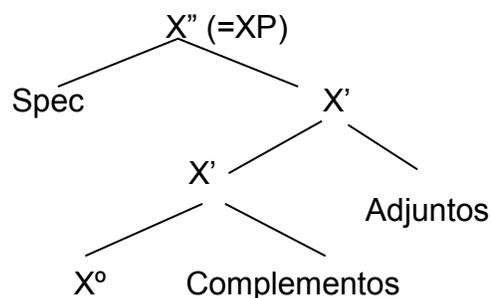
De acordo com a Teoria X-barra (CHOMSKY, 1970), todas as frases são encabeçadas por um item lexical – N, V, A ou P, que é a projeção zero (X^0); são, portanto, endocêntricas. O princípio da endocentricidade indica que não existe, verdadeiramente, nenhuma diferença categorial entre uma categoria sintagmática XP e o seu núcleo lexical X, mas apenas uma diferença de nível hierárquico, ou seja, uma categoria sintagmática não terá outro núcleo lexical senão aquele pertencente à sua categoria. Além disso, a X-barra demonstra o que é comum na estrutura das frases.

Em (9), apresentamos as propriedades que são comuns a todos os sintagmas:

- (9) a. Todo sintagma tem um núcleo;
 b. o sintagma domina os dependentes semânticos do núcleo;
 c. os sintagmas têm uma estrutura em camadas;
 d. as camadas não são exatamente do mesmo tipo porque estão em diferentes níveis;
 e. todos os sintagmas têm uniformidade na estrutura;
 f. os constituintes se combinam de dois em dois (binaridade).

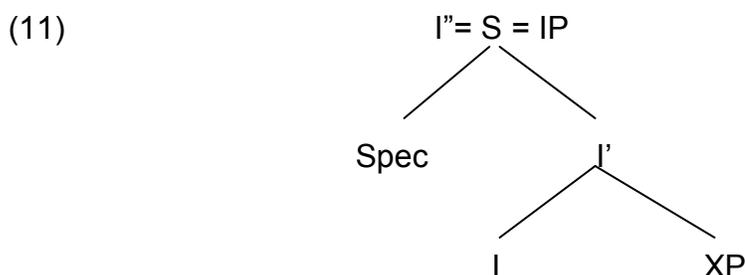
Essas propriedades podem ser visualizadas no diagrama em (10).

(10)



Os desenvolvimentos seguintes integrarão as categorias frásicas S e S' no esquema universal da teoria. Nesse esquema, a Infl¹² é uma categoria de grau zero capaz de projetar de acordo com a teoria X-barras, sendo S a projeção máxima de Infl. A primeira projeção contém a Infl (Infl') e o VP da oração, que fica reduzido ao estatuto de complemento de Infl. A projeção máxima será Infl'' (=S), contendo Infl' e o NP sujeito, que será especificador (doravante *spec*).

Como as demais categorias, Infl'' será designado pela notação IP¹³; a notação de Infl' será indicada pelo símbolo I. Em (11), temos a representação da nova configuração da teoria, em que a endocentricidade de S (I'', ou IP) é explicitada nas estruturas.



Todas essas categorias da Teoria X-barras serão descritas mais detalhadamente na seção 1.3, quando trataremos do Princípio da Projeção e da Subcategorização Verbal. Fizemos aqui apenas uma breve explanação sobre a estrutura dessa teoria.

1.3. O Princípio da Projeção

Segundo a GB, os falantes sabem o significado e o som das palavras de sua língua, como também o modo de usá-las nas sentenças. Assim, a Teoria integra a descrição sintática da sentença com as propriedades dos itens lexicais

¹² Do inglês, *Inflection*.

¹³ Do inglês, *Inflectional Phrase*.

via Princípio da Projeção, que requer da sintaxe a acomodação das características de cada item lexical.

O que determina a propriedade da subcategorização é exatamente o Princípio da Projeção. Através dele, sabemos as restrições para a ocorrência de cada palavra e as construções nas quais ela pode aparecer. As propriedades de cada item lexical são gravadas na sua entrada lexical, e as restrições são incorporadas em tais entradas no léxico mental do falante.

Desse modo, a informação lexical relevante à sintaxe é a sua categoria lexical. Essas categorias serão o núcleo dos constituintes da sentença, como se pode ver no quadro 1.

Categorias Lexicais	Categorias Sintagmáticas
Nome (N)	Sintagma Nominal (NP) ¹⁴
Adjetivo (A)	Sintagma Adjetival (AP)
Verbo (V)	Sintagma Verbal (VP)
Preposição (P)	Sintagma Preposicionado (PP)
Advérbio (Adv)	Sintagma Adverbial (AdvP)

Quadro - 1 Categorias Lexicais e Sintagmáticas

Em Chomsky e Lasnik (1991, p. 15), encontramos que a *D-S*, a *LF* e a *PF* são interfaces que satisfazem a condição geral de *Interpretação Plena* (doravante FI¹⁵). Cada nível é um sistema simbólico, formado por elementos nucleares e objetos construídos a partir deles por concatenação e outras operações. Assim, as categorias lexicais representadas na primeira coluna do quadro 1 serão esses elementos nucleares e, embora cada um seja uma realização complexa, por conveniência ortográfica, usam-se os símbolos convencionais. Em (12), temos as representações dadas a eles na GB.

(12) (i) N = [+N, -V]

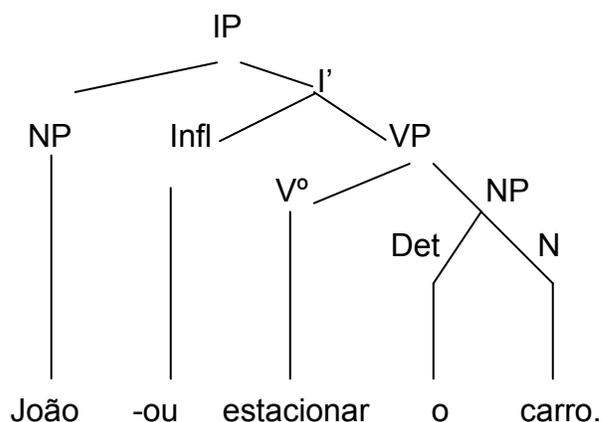
¹⁴ Este trabalho manterá, na identificação das categorias lexicais e sintagmáticas, as siglas do inglês.

- (ii) V = [-N, +V]
- (iii) A = [+N, +V]
- (iv) P = [-N, -V]

A realização [+N] é o tradicional substantivo; a realização [+V], o predicado. Esses núcleos que constituem a margem final de um marcador frasal são desenhados do léxico. Elementos que projetam são nada mais que *projeções máximas*: XP é a projeção máxima da categoria final X; NP é a projeção máxima de seu núcleo N, etc.

Duas relações básicas dos marcadores frasais são o *domínio* e a *linearidade*. Em (13), poderemos perceber essas relações.

(13)



Observemos que 'João' é [+N], cuja projeção máxima é o NP; 'V°' é [+V], cuja projeção máxima é o VP, que tem como seu complemento um NP, projeção máxima do N 'carro'; e 'IP' é a projeção máxima de I' e também do NP 'João'. Então, se 'V°' é núcleo, seu "irmão" (*linearidade*) é seu complemento, no caso o NP 'o carro'.

Na gramática do PB, por exemplo, se um VP tiver um verbo e um NP, será transitivo direto; se tiver um verbo e um PP, será transitivo indireto, etc. Isso nos

¹⁵ Do inglês, *Full Interpretation*.

permite formular uma regra sintática que determina que um VP consiste de um verbo e um NP, ou um verbo e um PP, etc. Essa regra, no entanto, é redundante porque, em sua entrada lexical, um verbo como *gostar* já determina que será seguido por um PP, e sentenças como (14) são consideradas agramaticais.

(14) *João gosta.

Determina a GB que as especificações lexicais da palavra asseguram que a sintaxe tem uma forma particular, o que gera o Princípio da Projeção: as propriedades das entradas lexicais projetam para a sintaxe da sentença, ou, dito de outra forma, toda informação lexical é sintaticamente representada. O Princípio da Projeção é um universal da linguagem humana porque todas as línguas integram suas regras sintáticas a suas entradas lexicais.

A partir desse princípio, se voltarmos a (14), por exemplo, e a desdobrarmos em (15a) e (15b), teremos as seguintes estruturas:

(15) a. * Gosta de Maria.

b. * João gosta.

O que torna (15a) e (15b) agramaticais é o fato de que o verbo *gostar* projeta duas entidades de c-seleção e de s-seleção: alguém que goste e alguém/algo de que goste. Tais entidades são chamadas de *argumentos* e o elemento que expressa a relação semântica entre eles, ou que diz algo sobre eles, é o *predicado*. Assim, não entenderemos completamente (15a,b) se não compreendermos que *gostar* precisa de dois argumentos: um externo – o NP sujeito, e um interno – o PP objeto indireto. Essa relação semântica¹⁶ entre os argumentos expressa pelo predicado é a *estrutura dos argumentos*. Conhecendo-a, saberemos não apenas de quantos argumentos necessita um verbo como também de que tipo eles serão.

¹⁶ Cf. Haegeman (2004).

Assim, poderemos explicar a presença do sujeito nas sentenças do PB, ou seja, se o verbo ‘projetar’ um argumento externo, este estará presente, seja explícito, seja marcado pela Infl. Veja os exemplos em (16).

(16) a. Desisti do jogo.

b. O adversário venceu a partida.

Em (16a), temos o verbo *desistir*, que projeta dois argumentos: um externo e um interno, ou seja, alguém que desiste e algo/alguém de que se desiste. Como há projeção do argumento externo, temos a presença do sujeito, neste caso marcado apenas pela Infl. Sabemos que é a Infl que determina o sujeito, mas nem todas as línguas permitem sentenças como (16a). Este é um parâmetro do PB; no inglês, por exemplo, tal sentença seria agramatical, porque esta língua, como veremos em 1.3.1, exige o sujeito foneticamente marcado.

Em (16b), o verbo *vencer* também projeta dois argumentos: um externo e um interno, ou seja, alguém que vence e algo/alguém que é vencido. Se existe o argumento externo, mais uma vez teremos sujeito, neste caso expresso pelo NP *O adversário*. Não é o mesmo caso, porém, de (17).

(17) Há muitos torcedores na arquibancada.

Em (17), o verbo *haver* projeta apenas um argumento interno, ou seja, o NP *muitos torcedores*. Assim, no PB, esse verbo caracteriza-se como *impessoal*, ou seja, não tem sujeito e, apesar de a Infl determinar 3ª pessoa do singular, ela não indica a presença de um sujeito. Isso, no entanto, causa controvérsias entre os lingüistas porque muitos acreditam que, se há Infl, há sujeito, mas esse não é o caso de nosso estudo aqui; portanto, deixaremos para pesquisas posteriores.

1.3.1. A Subcategorização Verbal

Cada verbo é sensível à composição categorial do VP em que ocorre. Ou seja, é propriedade sua determinar com que categoria gramatical de constituintes poderá – ou não – ocorrer no interior do VP. Vejamos os desdobramentos de (14) em (18):

- (18) a. *João gosta Maria.
 b. João gosta de Maria.

O que determina a agramaticalidade de (18a) é o fato de o verbo *gostar* exigir como seu constituinte imediato um PP e de *Maria* ser um NP. Ora, se é propriedade do verbo determinar seus constituintes imediatos dentro do VP, é a partir dele que poderemos distinguir as três classes de verbos tradicionalmente descritas: transitivos direto ou indireto, bitransitivos e intransitivos¹⁷.

No PB, se um VP tem como núcleo um verbo transitivo direto, um NP (o objeto direto) será exigido; se o VP tiver um verbo transitivo indireto como núcleo, um PP será exigido; se for bitransitivo, um NP e um PP (o objeto direto e o objeto indireto) são exigidos; se o VP contém um verbo intransitivo nenhum complemento NP será permitido, mas um PP poderá ser exigido em verbos como *ir*, por exemplo.

- (19) a. *João foi.
 b. João foi [_{PP} ao cinema].

Em (19a), há agramaticalidade porque *ir* necessita de um PP de lugar, o que acontece em (19b), tornando-a gramatical. Da mesma forma, pode-se avaliar as sentenças em (20) e em (21), em termos de viabilidade dos princípios que

¹⁷ O verbo de ligação, ou cópula, tradicionalmente não gerador de voz verbal, não será discutido aqui.

decidem em que tipo de VP um verbo pode aparecer, porque a subclassificação dos verbos constitui parte do conhecimento lexical do falante.

- (20) a. João estacionou o carro.
b. João deu uma moeda ao “flanelinha”.

Em (20a), o verbo *estacionar* é transitivo direto, tendo como seu complemento o NP *carro*; em (20b), *dar* é bitransitivo, tendo como seus complementos o NP *uma moeda* e o PP *ao “flanelinha”*. Já (21a) e (21b) serão julgadas como incompletas porque não apresentam seus constituintes imediatos.

- (21) a. * João estacionou.
b. * João ao “flanelinha”.

No inglês, no entanto, perceberíamos algumas diferenças em relação ao verbo *dar* porque a parametrização desta língua é distinta da do PB. Apesar de esse verbo ser considerado também bitransitivo, podemos ver, como apresentado por Haegeman (2004), que ele pode ter como seu complemento dois NPs ou um NP e um PP, como nos exemplos em (22):

- (22) a. *Wooster gave Jeeves the money*¹⁸.
[Wooster deu Jeeves o dinheiro.]
b. *Wooster gave the money to Jeeves*.
[Wooster deu o dinheiro a Jeeves.]

Em (22a), temos dois NPs – *Jeeves* e *the money*; em (22b), um NP – *the money* – e um PP – *to Jeeves*. A construção de (22a), com o verbo *dar* e assemelhados, não é aceita na gramática do PB, já (22b) sim, porque, nesta língua, os verbos bitransitivos subcategorizam como complementos um NP e um

¹⁸ Haegeman (2004, p. 40-41).

PP, obrigatoriamente. Já, em relação aos transitivos, no inglês apresentam-se apenas os diretos, como em (23):

(23) *Miss Marple will reconstruct the crime.*¹⁹

[Miss Marple reconstruirá o crime.]

O que determina a subcategorização feita pelo verbo é a chamada C-seleção, ou seja, seleção categorial. Podemos dizer, então, que o verbo *reconstruct*, em (23), c-seleciona um NP como seu complemento, no caso, *the crime*.

Na GB, as noções de transitivo, intransitivo, etc. são organizadas em posições estruturais²⁰ Os verbos são classificados de acordo com o tipo de VP no qual ocorrem. Por exemplo, o verbo *estacionar* requer um complemento NP; seu VP conterà, então, um NP. Essa exigência pode ser assim representada:

(24) *estacionar*, V, [____ NP]

A representação de (24) mostra em qual estrutura sintática o verbo *estacionar* pode e deve aparecer, ou seja, antes do NP. Os verbos são caracterizados na base das estruturas em que ocorrem. Em (25), temos a representação do verbo *dar*.

(25) *dar*, V, [____ NP, PP]

As posições que identificam subcategorias dos verbos são chamadas de estruturas de subcategorização. Podemos dizer, então, que *estacionar* subcategoriza um NP.

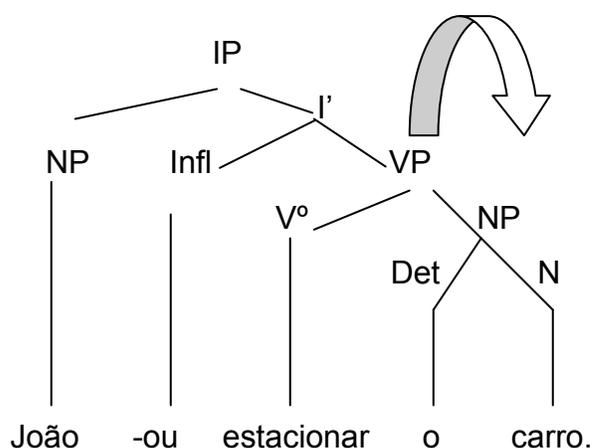
¹⁹ Idem, ibidem.

²⁰ *Distributional Frames*, em inglês.

Em Raposo (1992, p.95), encontramos que “um constituinte é subcategorizado por um verbo sse²¹ é imediatamente dominado pelo VP que domina imediatamente esse verbo (isto é, sse é irmão do verbo)”. Também afirma que “o VP é o lugar dos constituintes subcategorizados e de mais nenhuma categoria frásica” (idem, ibidem, p.95)

Se voltarmos ao diagrama arbóreo de (13), notaremos como esse domínio fica evidente.

(26)



Através do diagrama em (26), percebemos claramente o domínio do VP sobre o NP que ele subcategoriza. Observamos também que o NP sujeito está fora desse domínio. Se assim é, como fica, então, o sujeito de uma sentença se não pode ser subcategorizado pelo verbo? Que constituinte da frase determina a sua presença?

Na verdade, um dos princípios da UG, o Princípio da Projeção Estendida (doravante EPP), é a presença de sujeito em todas as línguas, seja ele foneticamente marcado ou não. Isso implica que não é um constituinte da sentença que o determina, mas a própria UG, o que nos leva a uma outra pergunta: por que há línguas, como o PB, em que encontramos sentenças sem sujeito?

²¹ Se e somente se

O que estabelece isso é que o PB apresenta o parâmetro do sujeito nulo, ou seja, a resposta está nos parâmetros de cada língua, e não nos princípios da UG. Podemos explicar esse parâmetro a partir da utilização dos expletivos²² no PB e no inglês. Neste, os expletivos ocupam a posição de sujeito; naquele, não há expletivos na posição de sujeito, embora alguns autores partam de pressuposto de que, com “verbos impessoais”, haja um “pronome expletivo oculto”; no entanto, a diferença que se estabelece aqui é a ausência de marca fonética. Haverá expletivos foneticamente marcados no PB em alguns verbos, mas nunca na posição de sujeito. Veja os exemplos do PB e do inglês em (27):

- (27) a. “A gente se agachava a **se** rir” (Mário Quintana).
 b. *It rains*.
 c. * *Rains*.
 d. Chove.

Em (27a), o elemento destacado, embora seja representativo na linguagem literária, não apresenta qualquer significado. Não podemos substituí-lo, por exemplo, por *a si mesmo*, porque isso tornaria a frase agramatical.

- (28) a'. *A gente se agachava a rir *a si mesma*.

Já, no inglês, não haverá sentenças sem sujeito foneticamente marcado. Elas recebem, portanto, um expletivo que preencherá essa posição. Observe-se que (27b) é gramatical porque *it* exerce a função de sujeito, o que se comprova pela flexão do verbo (3ª pessoa do singular); (27c), no entanto, é agramatical porque não tem a posição de sujeito preenchida. Em (27d), uma sentença do PB, encontramos gramaticalidade, apesar de não haver elemento que ocupe a posição de sujeito, porque esta língua tem valor positivo para o *Parâmetro do Sujeito Nulo*. A representação dos valores marcados pela gramática do inglês e

²² Elemento realizado foneticamente, mas sem valor semântico. No inglês, terá valor apenas sintático.

do PB para o *Parâmetro do Sujeito Nulo* pode ser esquematizada como representado no quadro 2.

Parâmetro do Sujeito Nulo	
Português	Inglês
+	-

Quadro - 2 Parâmetro do Sujeito Nulo

Na seção seguinte, 1.4, trataremos da Teoria- θ , que será fundamental para análise das vozes verbais, já que os papéis- θ exercidos pelos argumentos dos verbos é que determinarão a possibilidade, ou não, de uma passivização, por exemplo.

1.4. Teoria- θ

A Teoria- θ ocupa-se da noção lógica fundamental de “argumento de”, uma noção da qual qualquer teoria da gramática precisa dar conta. Dentro da Teoria da Regência e Ligação, a Teoria- θ assume uma forma específica que não poderia ser antecipada unicamente com base na noção lógica de “argumento de”²³ porque essa noção é muito intuitiva, e isso pode causar problemas na distinção entre argumentos e não argumentos. Assim, a Teoria- θ é uma nova tentativa de explicar a relação entre verbos e seus argumentos. Os papéis temáticos e a relação temática são sinônimos de *argumentos*.

Como vimos através dos exemplos em (20), (24) e (25), os verbos não apenas projetam seus argumentos mas definem de que tipo serão esses argumentos. Observemos a sentença em (29):

(29) O político roubou o dinheiro.

²³ RIEMSDIJK E WILLIAMS (1986),

O verbo em (29) projeta um argumento externo e um interno, que são, respectivamente, o NP sujeito e o NP objeto. A estrutura desses argumentos pode ser assim representada:

(30) *roubar*, V + NP [__ NP]

Esse verbo, portanto, exige dois argumentos que, no entanto, apresentam relação semântica diferente com ele. Ao analisar a sentença, percebemos que o NP *o político* na posição de sujeito indica o AGENTE da ação de *roubar*, bem como o NP *o dinheiro*, a entidade *roubada*, é considerada o TEMA do predicado.

No exemplo, podemos perceber que o verbo *roubar* exige dois argumentos que exercem os papéis temáticos, respectivamente, de AGENTE e de TEMA. Tais papéis são definidos através da Teoria Temática, que estabelece as relações semânticas entre o verbo e seus argumentos. A essas relações chamamos *estrutura temática*.

Não há uma listagem definitiva dos papéis temáticos atribuídos pelos verbos, mas, para que possamos organizar nosso trabalho, seguiremos a proposta por Haegeman (2004, p.49). Em (31), temos os papéis e suas definições.

- (31) a. Agente: aquele que inicia/pratica a ação expressa pelo predicado.
 b. Paciente: aquele/aquilo que é submetido/sofre a ação expressa pelo predicado.
 c. Tema: pessoa ou coisa movida pela ação expressa pelo predicado.
 d. Experienciador: entidade que experiencia algum estado psicológico expresso pelo predicado.
 e. Beneficiário: entidade que se beneficia da ação expressa pelo predicado.
 f. Alvo: entidade a quem a atividade expressa pelo predicado é dirigida.

- g. Fonte: entidade de onde algo/alguém é movido como resultado de uma atividade expressa pelo predicado.
- h. Locativo: lugar onde a ação ou estado expressos pelo verbo estão situados.
- i. Instrumento: aquilo com que a ação expressa pelo predicado é realizada.

Em (32), exemplificamos cada uma desses papéis temáticos em frases do PB.

(32) a. João batia em Maria com um porrete.

João = agente

Maria = paciente

com um porrete = instrumento

b. Paulo pensava em Maria.

Paulo = experienciador

em Maria = tema

c. As redações dos alunos forneciam bons exemplos para o professor.

As redações dos alunos = fonte

bons exemplos = tema

para o professor = beneficiário/alvo

d. Eu ganhei um belo presente de João no Natal.

Eu = alvo

um belo presente = tema

de João = fonte

no Natal = locativo

O que determina as relações semânticas entre o verbo e seus argumentos é a chamada s-seleção, ou seja, é parte do conhecimento lexical do falante nativo e está gravada em seu léxico mental. A relação entre argumentos e papéis- θ é biunívoca, ou seja, para cada argumento existe um papel- θ , não podendo haver

um argumento com mais de um papel- θ , tampouco um papel- θ atribuído a mais de um argumento. Isso é formalizado através do *Critério- θ* :

(33) *Critério- θ*

Todo NP tem de ser tomado como o argumento de algum predicado; além disso, ele só pode ser tomado como tal uma vez (RIEMSDIJK E WILLIAMS, 1986).

Isso pode ser comprovado pelos exemplos em (34).

(34) a. *João reencontrou ____.

reencontrar (Ag, T)

b. *João reencontrou Maria Paulo.

reencontrar (Ag, T)

Ambas as frases são agramaticais porque, em (34a), o verbo *reencontrar* subcategoriza um NP, que seria o tema, mas não está presente; em (34b), há um NP sobrando – ou Maria ou Paulo. Portanto, comprova-se não apenas o Princípio da Projeção - toda informação lexical é sintaticamente representada -, como também o *Critério- θ* .

Podemos, agora, apresentar a representação dos argumentos e dos papéis- θ do verbo *roubar*:

(35) *roubar*, V + NP [__ NP]

(Ag, T)

Em (36), apresentaremos a representação dos argumentos e dos papéis- θ dos verbos de (32).

(36) a. *bater*, V +NP [__ PP, PP]

(Ag, T, Instr.)

b. *pensar*, V +NP [__, PP]

(Exp., T)

c. *fornecer*, V, +NP [__, NP, PP]

(Fo, T, AI)

d. *ganhar*, V +NP [__, NP, PP, PP]

(AI, T, Fo, Loc)

São os papéis- θ , através da s-seleção, que permitirão saber qual verbo poderá sofrer passivização, porque a morfologia da passiva pode somente aparecer com verbos que atribuem um papel- θ externo, que deverá ser, obrigatoriamente, agentivo. Esse é um princípio da UG, chamado *θ -role*²⁴. Dessa forma, podemos analisar os exemplos em (37):

(37) a. Paulo quebrou a perna.

b. Paulo quebrou a vidraça da sala.

Em (37a), o NP *Paulo* é paciente, e não agente, e o verbo *quebrar* não projeta um papel- θ externo. Isso viola, portanto, o princípio da passivização e impede a transformação de (37a) em (38).

(38) * A perna foi quebrada por Paulo.

Já, em (37b), o verbo *quebrar* projeta um papel- θ externo, que é agentivo – alguém que quebra –, permitindo, portanto, a transformação em (39) porque o princípio não foi violado.

(39) A vidraça da sala foi quebrada por Paulo.

Essa análise nos permite identificar (37a) como uma sentença em voz média, cujos verbos não atribuem papel- θ externo, e (37b) como uma sentença em voz ativa, porque essa voz atribui papel- θ externo, o que gera a passiva. Assim, corroboram-se as afirmações de que a designação dos papéis- θ é

²⁴ Do inglês = regra temática.

fundamental para a identificação dos argumentos e não-argumentos dos verbos, o que determina – ou não – a possibilidade de passivização.

Em 1.5, descreveremos a Teoria do Caso e a da Regência, as quais nos fornecerão as informações de que, por exemplo, para que entendamos o funcionamento das passivas e a diferença entre a voz reflexiva e a média, precisaremos do Caso para identificarmos claramente o papel- θ exercido pelo NP. Sobre a voz média, apresentaremos o conceito e exemplos em PB, o que indicará sua existência nesta língua.

1.5. Teoria do Caso e Teoria da Regência

Chomsky (1980) desenvolve uma teoria que incorpora a noção tradicional de Caso, flexão nominal que é sensível à função gramatical do NP, à Gramática Gerativa e propõe que a marcação de Caso dos NPs é universal, e não apenas das línguas que apresentam marcas casuais morfológicas. Para ele, essa marcação é sintática, ou seja, os NPs recebem Caso Abstrato, que é a relação gramatical que existe entre um NP e o regente, com ou sem sinais da morfologia.

Raposo (1992) indica que há línguas como o Inglês e o Português em que o Caso Abstrato sintático manifesta-se morfológicamente no sistema pronominal. No Português, por exemplo, os pronomes diferenciam-se em quatro grupos casuais distintos: nominativo, acusativo, dativo e oblíquo (também conhecido por forma forte, ou preposicional). Em (40), transcrevemos os exemplos de Raposo (1992, p. 350):

- (40) a. *Eu* (nom.) ofereci-*lhe* (dat.) o livro.
 b. *Tu* (nom.) viste-o (ac.) ontem.
 c. *Ele* (nom.) comprou-o (ac.) para *mim* (obl.)

Em (40), o Caso está, como vimos, marcado morfologicamente pelos pronomes. Quando não houver, porém, a presença do pronome, não haverá Caso? Essa pergunta pode ser respondida pela Teoria da Regência, ou seja, toda a vez em que houver regência haverá Caso. Ela é que nos dará as Regras de Atribuição Casual expressas em (41), nas quais um regente atribui apenas um Caso:

- (41) (i) P → um só oblíquo
 (ii) V → um só acusativo
 (iii) Infl → um só nominativo

Assim, voltando aos exemplos de (40), podemos analisá-los sob a luz da regras de (41): a Infl dos verbos *oferecer*, *ver* e *comprar* determina o Caso Nominativo dos NPs *Eu*, *Tu* e *Ele*, respectivamente; e os argumentos internos que esses verbos subcategorizam indicam, respectivamente, os Casos Dativo (40a), Acusativo (40b) e Acusativo e Oblíquo (40c). No PB, trataremos os verbos que subcategorizam um PP objeto indireto como regentes do Caso Oblíquo. Para contemplar o fato de que o Caso é universal, não importando as variações morfológicas das línguas, estabelece-se o Filtro do Caso, que determina que todo NP exposto tem de ter Caso, o que nos permite indicar a gramaticalidade ou agramaticalidade de uma oração. Em (42), podemos observar a aplicação do Filtro do Caso nos NPs destacados na seguinte sentença do PB:

- (42) Pr'o Paulo deixar de beber, é preciso fechar a boca dele.

Para podermos determinar se há Caso Nominativo em *pr'o Paulo deixar de beber* (42), é preciso esclarecer que só haverá Nominativo se houver [+Agr²⁵]. Aplicando o Filtro do Caso, substituiremos o NP *o Paulo* por um pronome de 3ª pessoa do plural para checar a ocorrência de Agr. Assim, teremos *para eles deixarem de beber*, o que nos indica que *deixarem* é [-T, +Agr], configurando-se

²⁵ Do inglês, *Agreement*.

em Caso Nominativo. Desse modo, o NP *o Paulo* de (42) também recebe Nominativo. Da mesma forma, se substituirmos o NP *a boca dele* por um pronome oblíquo átono, teremos a construção *fechá-la*, o que determinará o Caso Acusativo.

Se voltarmos às Regras de Atribuição de Caso, em (41), observaremos que os dois NPs de (42) são licenciados por elas. Em (ii), a regra configura a situação do verbo *fechar* e, em (iii), encontramos a justificativa de que a Infl [+Agr] de *pr'o Paulo deixar de beber* é que determina o Nominativo recebido pelo NP *o Paulo*. Assim, o V rege o Acusativo e a Infl, o Nominativo.

Faz-se necessário, no entanto, que se defina adequadamente o que significa Regência, uma vez que seu conceito difere daquele estabelecido pela GT, para analisar os fatos envolvidos na atribuição de Caso. Em (43) apresentamos a definição de Regência e, em (44), a de m-comando, conforme Mito et al (2000, p. 139-140):

(43) REGÊNCIA

α rege β se e somente se:

- (i) $\alpha = X^0$ (ou seja, α é um núcleo lexical N, A, V, P ou α é o núcleo funcional I);
- (ii) α m-comanda β e β não está protegido de α por uma barreira (=projeção máxima).

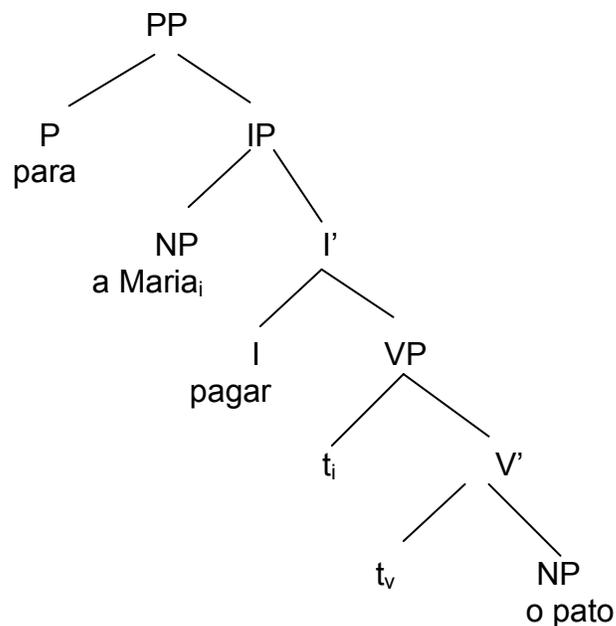
(44) M-COMANDO

α m-comanda β se e somente se α não domina β e cada projeção máxima γ que domina α também domina β .

Observemos a aplicação desses conceitos em (45), adaptada de Mito et al. (2000, p. 140):

(45) a. Ele fez tudo para a [Maria pagar o pato]

b.



Aplicando a (45) primeiro a definição de m-comando, podemos dizer que o NP *a Maria* m-comanda o NP *o pato* porque o primeiro não domina o segundo e a projeção máxima que domina *a Maria*, que é o IP, também domina *o pato*. Por outro lado, o NP *o pato* não m-comanda o NP *a Maria* porque, apesar de *a Maria* não dominar *o pato*, existe uma projeção máxima que domina este e não domina aquele, o VP.

Já I m-comanda o NP *a Maria* porque este não domina o NP *o pato*, e a projeção máxima que domina I, que é o IP, também domina *a Maria*. Do mesmo modo, *a Maria* m-comanda I, porque não domina *o pato*, e a projeção máxima que domina aquele NP também domina I. Trata-se de um caso de m-comando mútuo. Quanto ao VP, ele não m-comanda o NP *o pato*, porque o domina.

Mioto et al. (2000, p. 141) levantam as seguintes considerações sobre (45) ao aplicarem a noção de Regência:

(i) NP¹ não rege I porque não é um núcleo.

- (ii) I rege NP¹ porque é um núcleo daqueles que regem; I m-comanda NP¹; e não existe barreira (=nenhuma projeção máxima) protegendo NP¹ de I.
- (iii) I rege VP porque I é um núcleo regente que m-comanda VP; e não existe barreira protegendo VP de I.
- (iv) I não rege NP² porque existe uma barreira que protege NP² de I, que é VP.
- (v) P rege IP porque P é núcleo daqueles que regem.
- (vi) P rege NP¹, apesar de, aparentemente, IP ser considerado uma barreira, já que é uma projeção máxima; no entanto, IP e SCs²⁶ têm comportamento especial, não atuando como barreiras para a regência e para atribuição de Caso²⁷.

Dissemos, ao introduzir esta seção, que a Teoria do Caso e a da Regência nos forneceriam informações para distinção entre Voz Reflexiva e Voz Média. Pois bem, é necessário, em primeiro lugar, que apresentemos o conceito de Voz Média, sua constituição e, então, em segundo lugar, que utilizemos essas duas teorias, mais a Teoria *Theta*, para demonstrar a distinção entre essas duas vozes verbais.

Kemmer (1993), partindo de Lyons (1969), caracteriza a Voz Média como aquela em que a ação ou estado afetam o sujeito do verbo ou seus interesses: a chamada *subject-affectdeness*²⁸, mas apura esse conceito argumentando que há uma propriedade semântica crucial na natureza da Voz Média que não tem sido observada. Para a autora, existe uma série de eventos que seriam o parâmetro por meio do qual se estabeleceria a diferença entre essas duas vozes. É neles, mais precisamente em sua elaboração, que reside a propriedade que ela chama de *relative elaboration of events*²⁹.

²⁶ Do inglês, *small clauses*.

²⁷ Não entraremos em maiores detalhes sobre o fato de IP e SCs não serem barreiras para a atribuição de Caso, porque este trabalho considerará apenas os itens relacionados especificamente às vozes verbais, sob pena de nos estendermos demais na descrição da Teoria em detrimento da análise que pretendemos fazer.

²⁸ Afetabilidade do sujeito

²⁹ Elaboração relativa de eventos

Para demonstrar essa diferença, a autora parte da observação das categorias semânticas que podem ser associadas à Voz Média. Essas categorias recebem a denominação de *situation types*³⁰, que são um conjunto de contextos situacionais ou semântico/pragmático sistematicamente associados com uma particular forma de expressão. Assim, são definidas em termos das propriedades semânticas que partilham com o contexto em que estão. A partir de pesquisa em algumas línguas que apresentam marcadores morfológicos de Voz Média, foram divididas as *situation types* em vários grupos que envolvem específicas classes semânticas de verbos.

Em (46), discriminaremos algumas das *situation types* descritas por Kemmer (1993), mais especificamente aquelas que serão utilizadas nesta dissertação.

- (46)
- a. ações de cuidados corporais – verbos como *lavar-se, vestir-se, barbear-se*, que movem o corpo, mas sem mudança global de posição;
 - b. ações emotivas do discurso - verbos como *lamentar, confessar, queixar-se* indicam, não especificamente o discurso, mas um evento mental que o envolve;
 - c. eventos de conhecimento/cognição – verbos como *cogitar, ponderar, considerar* representam o puro processo do pensamento;
 - d. eventos recíprocos – verbos como *encontrar-se, abraçar-se, cumprimentar-se* são ações em que a relação entre dois participantes é usualmente ou necessariamente mútua ou recíproca.
 - e. ações de benefício próprio – verbos como *perguntar, pedir, adquirir* incluem ações em que o Agente é normalmente um participante Recebedor ou Beneficiário da ação verbal.
 - f. eventos espontâneos – verbos como *crescer, germinar, evaporar* não envolvem a participação direta de um Agente humano.

³⁰ Tipos de situações

Podemos perceber, pela análise da autora, que, em todos esses casos, o sujeito não é agente, mas Experienciador, Beneficiário, já que os verbos não são considerados agentivos, característica essencial para que uma sentença seja caracterizada como ativa, passiva ou reflexiva. Isso nos permite, então, a classificação de uma sentença como a de (47) em Voz Média, e não em Reflexiva.

(47) A menina penteou-se diante do espelho.

O verbo de (47), *pentear-se*, é classicamente dado em nossas gramáticas como exemplo de Voz Reflexiva. Segundo a análise de Kemmer (1993), no entanto, esse não é caso de Voz Reflexiva, mas de Voz Média, uma vez que esse verbo pertence a *situation type* das ações de cuidados corporais. Assim, o NP *a menina* é Beneficiário da ação de *pentear-se*, e não Paciente, como prediz o conceito de Voz Reflexiva.

Essa análise também nos permite discordar do conceito de que o sujeito pratica a ação. De que o NP *a menina* é o sujeito de (47) não resta a menor dúvida, porque, como vimos anteriormente, a Infl rege Caso Nominativo, que é o Caso do sujeito. Ora, *penteou-se* é [+Agr], regendo, assim, o NP *a menina*. No entanto, esse NP não é *o ser que pratica a ação* (conceito de sujeito amplamente divulgado por nossos manuais de ensino), mas seu Beneficiário. Tais considerações são fundamentais para que possamos distinguir não apenas os papéis- θ dos argumentos verbais, como também a voz verbal em que estão os verbos das sentenças.

Na seção 1.6, apresentaremos a Teoria da Ligação, que poderá nos explicar, por exemplo, o caso de anáfora representado pelo clítico *se* de (47).

1.6. Teoria da Ligação

A Teoria da Ligação trata da interpretação referencial dos NPs, a correferência, ou seja, da identificação do antecedente de um anafórico e de um pronominal, quando houver esse antecedente. Para tanto, classifica os tipos de NPs segundo a Sintaxe:

- (i) anafóricos – exigem antecedente lingüístico;
- (ii) elementos pronominais – dependem de informação adicional, mas não necessariamente lingüística;
- (iii) expressões-R (referenciais) – são nomes próprios, descrições definidas, etc.

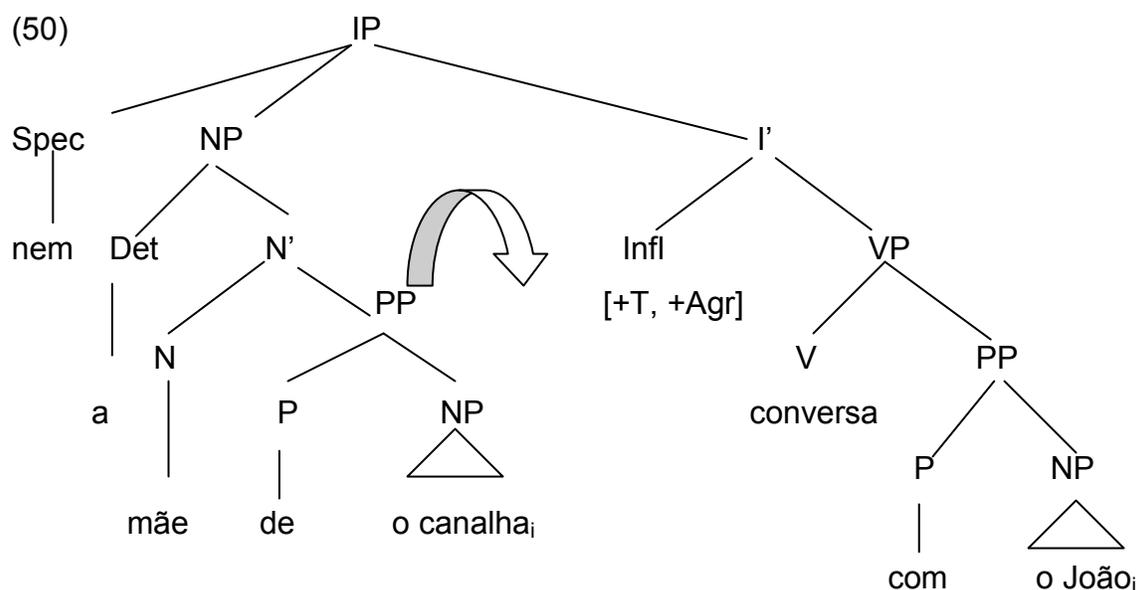
Essa classificação determinará os três princípios básicos da Teoria da Ligação, explicitados em (48):

- (48) A) Um anafórico tem de estar ligado na sua categoria de regência.
- B) Um pronominal tem de estar livre em sua categoria de regência.
- C) Uma expressão-R tem de estar livre.

Por meio das sentenças em (49), esclareceremos como funciona cada um desses princípios.

- (49) a. João_i viu-se_i na tela.
- b. João_i entrou. Ele_i estava cansado.
- c. Nem [a mãe do canalha_i] conversa com o João_i.

Em (49a), a sentença obedece ao Princípio A, uma vez que *se* está ligado na mesma oração de *João*. Em (49b), o pronome *ele* não está ligado na mesma oração de *João*, obedecendo, portanto, ao Princípio B. Já em (49c), a expressão-R *João* não está ligada, porque não está no mesmo m-comando de *a mãe do canalha*, como pode ser demonstrado na árvore em (50):



Pelo diagrama de (50), observamos que o m-comando de *o canalha* está no PP do NP *spec*, que o deixa livre para ser coindexado com o NP *o João*, que está no m-comando de IP. *O João* configura-se, assim, em uma expressão-R.

Vamos voltar agora a (47), transcrevendo-a em (51), para explicar a anáfora do clítico *se*.

(51) A menina_i penteou-se_i diante do espelho.

Observemos que o *se* está na mesma oração do NP *a menina*, o que obedece ao Princípio A, constituindo-se, portanto, em uma anáfora; assim, o contexto semântico é reflexivo, mas a coindexação refere-se à Sintaxe³¹. Como as vozes verbais referem-se à Sintaxe, e não à Semântica, podemos classificar

³¹ Segundo Uriagereka, é surpreendentemente difícil encontrar universais para construções tais como passiva. Algumas realmente existem: tipicamente, passivização envolve alçar o objeto lógico para a posição de sujeito (iib)[...] mas isso também ocorre com outras construções - por exemplo, a voz média (iic)

(ii) a. Voz ativa: o mordomo cortou o queijo

b. Voz passiva: o queijo foi cortado (pelo mordomo)

c. Voz média: queijo corta facilmente. (Uriagereka . *Rhyme and Reason* . Cambridge, Mass., Mit Press, 1998 p. 32)

(51) como Voz Média, e não como Reflexiva, e tal fazemos valendo-nos das Teorias *Theta*, do Caso, da Regência e da Ligação. Acreditamos que são argumentos suficientes para contrapormos ao que apresenta a GT.

Em 1.7, descreveremos a Teoria do Movimento, essencial para entendermos o movimento das passivas.

1.7. Teoria do Movimento

Nesta dissertação, interessa-nos apenas o Movimento de NP, já que analisaremos as vozes verbais apenas em frases declarativas – afirmativas e/ou negativas -, dispensando, portanto, a caracterização do Movimento de Qu. O Movimento de NP explica, por exemplo, a passivização e a atribuição dos papéis- θ , bem como a atribuição de Caso para a sentença de (52).

(52) O gol foi marcado por Ronaldinho Gaúcho.

Podemos representar a D-S e a S-S de (52) em (53a) e (53b), respectivamente:

(53) a) [_{IP} e [_{I'} foi [_{VP} marcado [_{NP} o gol] por Ronaldinho Gaúcho]]]]

b) [_{IP} [_{NP} O gol]_i] [_{I'} foi [_{VP} marcado [_{t_i}] por Ronaldinho Gaúcho]]]

Em (53a), o NP *o gol* é θ -regido pelo verbo *marcado*. A posição de sujeito está vazia porque a passiva não projeta um argumento- θ externo. Em (53b), *o gol* foi movido para a posição de sujeito, recebendo Caso Nominativo pela Infl. A partir do exemplo, podemos avaliar que, na D-S, o sujeito da sentença passiva é uma categoria vazia, que será preenchida na S-S pelo NP objeto do verbo

marcar. Assim, na D-S de (53a), temos Caso Acusativo, e o movimento realizado por (53b) preencheu a posição de sujeito, atribuindo-lhe Caso Nominativo.

Essa análise nos permite, ainda, perceber que o movimento obrigatório de um elemento NP o levará a ocupar, como ponto de chegada, uma posição vazia. Tal posição será um NP argumental. O ponto de chegada é uma posição para a qual nenhum papel- θ é designado, por isso é chamado de posição θ' (*theta-bar*). No entanto, recebe Caso, como em (53b).

Já o ponto de onde o elemento foi movido é uma posição NP para a qual nenhum caso é designado, porque não há NP aparente. O movimento deixa apenas um traço, que é coindexado com o elemento movido, o antecedente, com o qual forma uma cadeia. Como o núcleo da cadeia é uma posição argumental (*A-position*), a cadeia criada pelo movimento de NP é chamada de Cadeia Argumental (*A-chain*). Observe a representação em (54).



(54) $[_{IP} \text{ João}_i [_{I'} [+T+Agr] [_{VP} \text{ parece } [_{IP} t_i \text{ ter descoberto a armadilha}]]]]$
A-chain $\langle \text{João}_i, t_i \rangle$

A cadeia recebe um papel- θ – agente –, que é designado pela posição mais baixa, a base, e Caso, o qual é marcado pela posição mais alta da cadeia, o núcleo. Em (54), a Infl determina o caso Nominativo.

Para entender todas essas transformações, precisamos considerar que o Movimento de NP concentra-se principalmente na posição vaga deixada pelo movimento, ou seja, o traço, e que não apenas os verbos apassiváveis disparam esse movimento, mas também os verbos de alçamento (*raising verbs*) e os adjetivos de alçamento (*raising adjectives*). Para esta dissertação, interessam apenas os

verbos de alçamento, porque podem aparecer na relação das vozes verbais, cuja definição apresentaremos brevemente abaixo.

1.7.1. Verbos de Alçamento

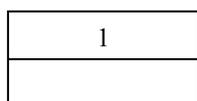
Para definir verbos de alçamento, utilizaremos os exemplos e as considerações feitas por Raposo (1992) porque ele parte de estruturas do português.

Comparemos as sentenças em (55), extraídas de RAPOSO (1992)³²:

- (55) a. *Os pais parecem [que as crianças dormem].
 b. [*pro*] parece [que as crianças dormem].

(55a) mostra que o verbo *parecer* ocorre com o seu argumento interno proposicional intacto e com um NP argumental na posição de sujeito; em (55b), o argumento proposicional está igualmente intacto, mas a posição de sujeito é ocupada por um *pro* de natureza expletiva, como o *it* do Inglês. Podemos representar, então, a partir de (55b), a estrutura temática de *parecer* em (55c):

(55) c. *parecer*: V



ou, segundo Raposo (1992): $\langle _ \text{CP}^{33} \rangle$

Tema

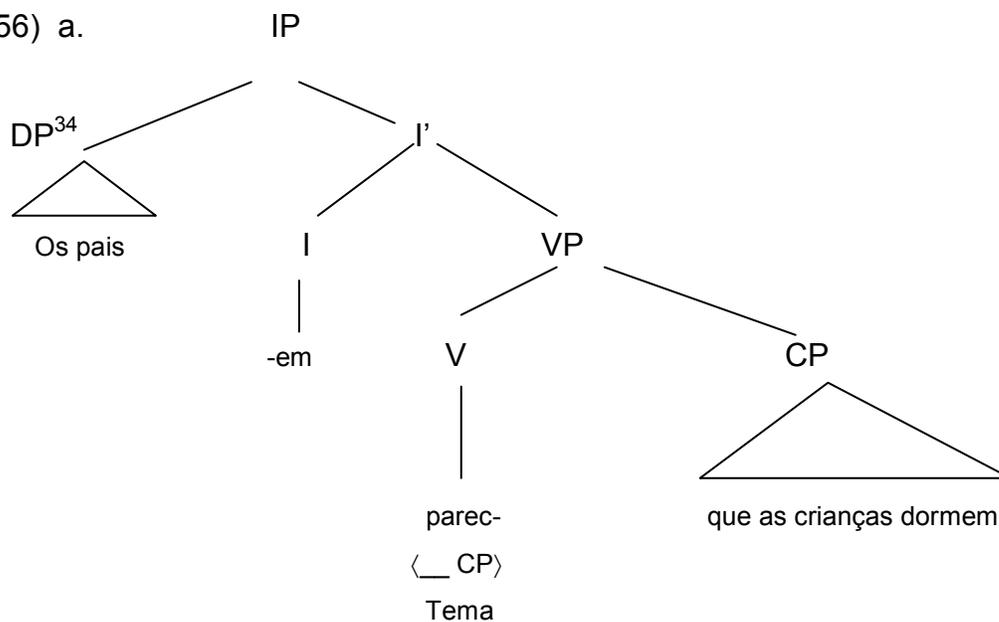
Na oração que funciona como seu complemento, o NP *crianças*, em (55b), é o argumento externo de *dormir*.

Conforme Raposo (1992), o Princípio da Projeção Estendida determina as representações (56a,b) para (55a, b), respectivamente.

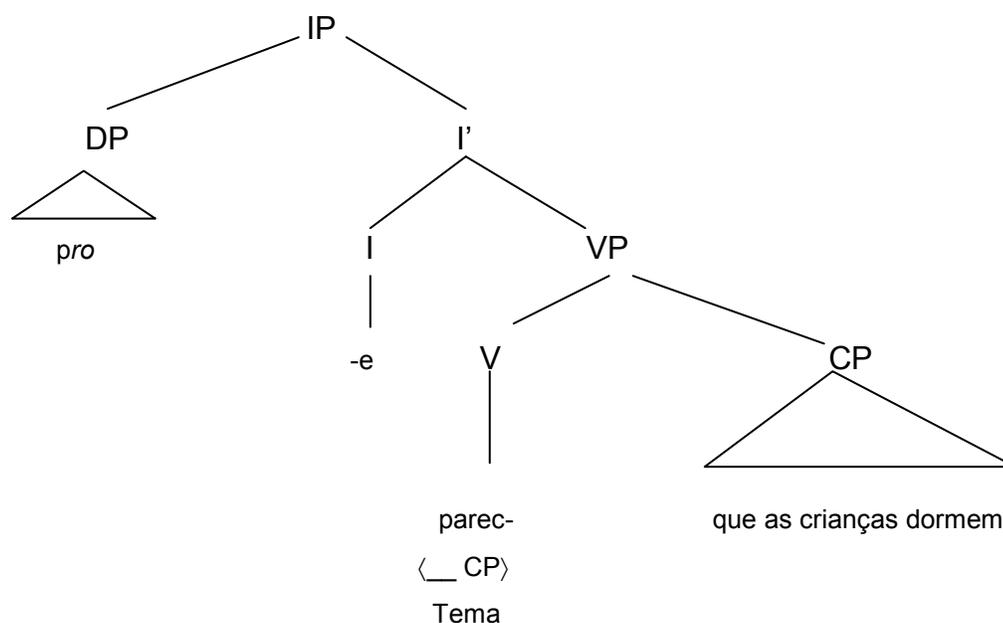
³² RAPOSO (1992, p. 308-310).

³³ Do inglês, *Complementizer Phrase*.

(56) a.



b.



A representação em (56a) encontra-se em violação da primeira alínea do Critério- θ , porque contém um argumento que não recebe nenhuma função- θ do verbo *parecer* (visto que este não tem uma função- θ externa a atribuir). A representação em (56b), por outro lado, satisfaz o Critério- θ porque a

³⁴ Do inglês, *Determiner Phrase*; Raposo substitui todo NP iniciado por um determinante por DP.

correspondência aí manifestada entre argumentos e funções- θ na estrutura de *parecer* é biunívoca. Embora o Critério- θ proíba que um argumento ocupe uma posição não- θ (como em 55a), não proíbe que um expletivo (por definição um elemento não argumental) ocupe tal posição.

Observemos a sentença em (57), na qual o argumento *crianças*, tematicamente dependente do verbo da oração subordinada, ocupa a posição de sujeito do verbo *parecer*:

(57) As crianças parecem dormir.

Esta expressão encontra-se, à primeira vista, em violação do Critério- θ uma vez que o argumento *as crianças* se encontra numa posição não- θ , já que *parecer* não subcategoriza argumento externo. No entanto, esse argumento é movido da posição- θ de sujeito da oração subordinada, onde recebe uma função- θ para satisfazer o Critério- θ .

Em (58a,b), temos a representação da D-S e da S-S de (57), respectivamente.

- (58) a. [_{IP} [_{DP} e] Infl [_{VP} parece [_{DP} as crianças] [_{VP} dormir]]]]
 b. [_{IP} [_{DP} as crianças]₁ Infl [_{VP} parecem [_{IP} [_{DP} t]₁ [_{VP} dormir]]]]]

Assim, Raposo, em (58a), na D-S, demonstra-nos a categoria vazia na posição argumental externa do verbo *parecer* – que não subcategoriza, como já vimos, argumento externo e, por isso, não recebe nenhuma função- θ – e o alçamento (ou elevação) do NP *crianças* – argumento externo do verbo *dormir* – para a posição não- θ de sujeito do verbo *parecer*. Esse alçamento satisfará o Critério- θ .

Na S-S (58b), o Critério- θ também é satisfeito na oração subordinada porque a posição de sujeito do verbo *dormir* é mantida neste nível de representação através do traço anafórico.

A partir desses exemplos, podemos observar que, na S-S, um argumento pode ocupar uma posição não- θ , desde que esteja associado a uma posição- θ na D-S como no caso de (58). Além disso, uma posição não- θ pode ser preenchida por um pronome expletivo não-argumental (como em (55b)), ou ser alvo de movimento de um NP que recebe a sua função- θ em outra posição, como em (57) e (58).

A partir de Haegeman (2004, p. 314), podemos relacionar algumas propriedades que são comuns aos exemplos de movimento de NP mostrados aqui.

1. O elemento movido é um NP.
2. O movimento é obrigatório.
3. O ponto de chegada do movimento é uma categoria vazia.
4. O ponto de chegada é uma posição argumental (*A-position*).
5. O ponto de chegada é uma posição de NP.
6. O ponto de chegada não recebe papel- θ , sendo chamado de θ' (*theta-bar*).
7. O ponto de chegada não recebe Caso.
8. O ponto de onde o elemento foi movido é um NP para o qual nenhum Caso é designado.
9. O movimento deixa um *traço*.
10. O traço é coindexado com o elemento movido, o *antecedente*, com o qual forma uma cadeia. Porque o núcleo da cadeia é uma posição argumental (*A-position*), a cadeia criada pelo movimento de NP é chamada de Cadeia Argumental (*A-chain*).
11. A cadeia recebe um papel- θ .
12. O papel- θ é designado para posição mais baixa da cadeia: a base da cadeia.
13. A cadeia recebe Caso.
14. O Caso é marcado pela posição mais alta da cadeia: o núcleo da cadeia.

Essa relação de propriedades resume as características do movimento de NP, que, com a Subcategorização Verbal, o Princípio da Projeção e a Teoria- θ , permitirá a análise do estudo das vozes verbais a que se propõe este trabalho. O capítulo 2, a seguir, tratará do levantamento de dados nos manuais de Língua Portuguesa indicados na Introdução, quais sejam, Novíssima Gramática de Língua Portuguesa, de Domingos Paschoal Cegalla (1998); Nova Gramática do Português Contemporâneo, de Celso Cunha (2001); Português série brasil, de Faraco e Moura (2004); e Português – Língua e Literatura, de Maria Luiza Abaurre, Marcela Nogueira Pontara e Tatiana Fadel (2000).

2. AS VOZES VERBAIS NAS GRAMÁTICAS ESCOLARES

O presente capítulo apresentará os dados coletados nos quatro manuais de Língua Portuguesa dedicados ao Ensino Médio e aos professores que trabalham com o ensino da língua materna. Como este trabalho versa sobre as vozes verbais e o enfoque dado a elas nesses manuais, foram delimitados os seguintes tópicos para coleta:

- (i) voz ativa
- (ii) voz reflexiva
- (iii) voz média
- (iv) verbos auxiliares
- (v) locução verbal

Desses tópicos, serão verificados o capítulo em que estão inseridos, a definição e os exemplos apresentados, a teoria subjacente às definições e as possíveis observações apostas pelos autores. Os dados serão organizados, ao final da explanação sobre cada obra, em uma tabela que sintetizará as informações obtidas.

No capítulo 3, será feita a análise dos conceitos e exemplos dados pelos manuais selecionados para estudo nesta dissertação com o objetivo de verificar até que ponto as noções lingüísticas apresentadas no Capítulo 1 são contempladas nos livros escolares.

2.1. Português – Língua e Literatura, de Maria Luiza Abaurre, Marcela Nogueira Pontara e Tatiana Fadel

Neste manual, as vozes verbais estão inseridas, primeiramente, em um capítulo cujo título é Sintagma Verbal, no qual encontramos o verbo, o advérbio e

os mecanismos de coesão seqüencial. Tais mecanismos são definidos como componentes de um nó lingüístico formado pelas conjunções e outros operadores coesivos que têm a função de construir relações de sentido específicas entre as partes do texto.

Depois da descrição morfológica do verbo, apresentam-se todas as informações geralmente encontradas nas gramáticas tradicionais a respeito do verbo (flexões, tempos, classificação, paradigmas de conjugação, etc.). Às vozes verbais é dedicada meia coluna com as seguintes explicações³⁵:

Voz Verbal indica a relação que se estabelece entre o verbo e seu sujeito sintático. Existem três vozes verbais.

Voz Ativa: quando o processo verbal é visto como ação, atividade ou estado que, no enunciado lingüístico, origina-se no sujeito sintático: Os nômades atravessam o deserto montados em seus cavalos. (A ação de atravessar tem origem no sujeito os nômades.)

Voz Passiva: quando o sujeito é paciente do processo expresso pelo verbo. (...) pode ocorrer com alguns verbos, apenas (os transitivos diretos, que sintaticamente tomam por complemento objetos diretos), e pode ser analítica (expressa através de uma locução verbal formada pelo verbo ser + particípio passado do verbo principal) ou pronominal (formada pelo acréscimo do pronome pessoal se, na função de partícula apassivadora, a uma forma verbal de terceira pessoa). (...) A maçã foi devorada pela criança faminta (voz passiva analítica). / Procuram-se operários especializados (voz passiva sintética, que corresponde à passiva analítica Operários especializados são procurados.).

Voz Reflexiva: quando o sujeito é ao mesmo tempo agente e paciente do processo expresso pelo verbo. Assim, a ação ao mesmo tempo origina-se no sujeito do verbo e sobre ele se reflete: Depois das denúncias de corrupção, o governador demitiu-se de suas funções.

Os verbos auxiliares são definidos mais adiante, logo após os paradigmas das três conjugações regulares dos tempos simples. Tal é a definição apresentada:

Verbos auxiliares, como o próprio nome indica, são aqueles utilizados juntamente com outros verbos para a formação dos **tempos compostos** (*tenho* estudado, *havíamos* feito) e das **locuções verbais** (*poderão* ganhar, *precisamos* vencer).

³⁵ Quando o texto pertencer ao manual analisado, a fonte terá tamanho 10.

Os verbos principais que entram na formação dos tempos compostos e das locuções verbais ocorrem sempre em uma das formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio).

Os verbos auxiliares mais freqüentes são *ter*, *haver*, *ser*, *estar*. Funcionam também como auxiliares, em construções *perifrásticas*, verbos como *ir*, *vir*, *andar*, *poder*, *querer*, *precisar*, *mandar*, etc.

Seguem-se os paradigmas de conjugações dos verbos auxiliares *ter*, *haver*, *ser* e *estar*. A definição de locução verbal apresenta-se da seguinte forma: são conjuntos de formas verbais, das quais a primeira (o verbo auxiliar) é flexionada para número-pessoa e modo-tempo e a segunda (o verbo principal) apresenta-se em uma das formas nominais (infinitivo, gerúndio, particípio). (...) equivalem a uma forma verbal única, nos contextos em que ocorrem.

Temos locuções verbais:

- nas formas verbais compostas de *ter* e *haver*;

Tenho lido muito ultimamente.

Eles *haviam feito* a reserva com antecedência.

- nas formas da chamada voz passiva analítica dos verbos, em que o verbo auxiliar é *ser*;

Os alunos *foram elogiados* pelo professor.

Sou obrigada pelo meu chefe a redigir extensos relatórios.

- nas formas *perifrásticas* em que verbos como *poder*, *precisar*, *dever* e *querer* funcionam como auxiliares modais e exprimem a modalidade do enunciado, ou seja, a possibilidade, necessidade ou desejo de que algo ocorra;

Preciso estudar hoje.

Posso estudar hoje.

Devo estudar hoje.

Quero estudar hoje.

- nas formas *perifrásticas* em que auxiliares como *estar*, *ir*, *vir*, *andar*, *ficar*, *permanecer*, *voltar a*, *começar a*, *acabar de*, *continuar a*, *deixar de*, *pôr-se a*, *chegar a*, contribuem, juntamente com a forma nominal do verbo principal, para a expressão do aspecto verbal, categoria gramatical que explicita o ponto de vista do locutor com relação à ação expressa pelo verbo.

Começamos a estudar Física (aspecto incoativo, que indica o início da ação).

Continuamos a estudar Física (aspecto que indica permanência, continuidade da ação).

Acabamos de estudar Física (aspecto conclusivo, que indica término da ação).

Estamos estudando (*estou a estudar*) Física (aspecto que indica que a ação ocupa uma razoável extensão de tempo).

O capítulo seguinte do livro chama-se Sintaxe: o estudo das relações entre as palavras, e nele encontraremos a definição de agente da passiva, dentro do item Termos da Oração – Termos Integrantes. Abaixo a forma como foi apresentado o agente da passiva e os exemplos dados:

O termo conhecido como “agente da passiva”, como indica o próprio nome, é o que exprime, nas estruturas da voz passiva analítica (construída com o verbo auxiliar “ser”), o agente da ação do verbo, sofrida pelo ser que ocupa a posição de sujeito da oração. Observe os exemplos:

O boi foi engolido *pela jibóia*.

A secretária foi ameaçada de demissão *pelo patrão*.

Ele é uma pessoa muito querida *de (por) todos os colegas*.

Veja que, em todos os exemplos acima, o sujeito da oração é o paciente das ações verbais (isto é, é quem sofre as conseqüências de *engolir*, *ameaçar* e *querer*). Os agentes dessas ações, *jibóia*, *patrão* e *todos os colegas* preenchem a função sintática de agentes da (voz) passiva, nessas orações.

Sintetizando a relação dos dados, podemos observar que, neste manual, as vozes verbais estão incluídas em dois capítulos – Sintagma Verbal (Cap. 9) e Sintaxe: estudo das relações entre as palavras (cap. 10), respectivamente. No primeiro deles, aparecem, estritamente nesta ordem, as vozes verbais – o que são e quais são -, os verbos auxiliares – o que são e quais são -, e as locuções verbais – o que são e quando são empregadas. No capítulo 10, encontramos, catalogado como um dos termos integrantes da oração, o agente da passiva, com definição e exemplos. Tais dados estão demonstrados na Tabela 1.

Tabela - 1 Descrição das Vozes Verbais no Livro Português – Língua e Literatura

Itens analisados	Capítulo do manual	Definição	Exemplo	Teoria subjacente	Obs.
Voz Ativa	Sintagma Verbal	O processo verbal é visto como ação, atividade ou estado que, no enunciado lingüístico, origina-se no sujeito sintático.	Os nômades <i>atravessam</i> o deserto montados em seus cavalos.	Pelo nomenclatura utilizada, sugere-se ser Análise do Discurso, mas não há indicação específica de teoria adotada.	
Voz Passiva/ Agente da Passiva	Sintagma Verbal & Sintaxe: o estudo das relações entre as palavras	O sujeito é paciente do processo expresso pelo verbo. Pode ocorrer com alguns verbos, apenas (os transitivos diretos, que sintaticamente tomam por complemento objetos diretos), e pode ser <i>analítica</i> (expressa através de uma locução verbal formada pelo verbo ser + particípio passado do verbo principal) ou <i>pronominal</i> (formada pelo acréscimo do pronome pessoal se , na função de partícula apassivadora , a uma forma verbal de terceira pessoa). O termo conhecido como “agente da passiva”, como indica o próprio nome, é o que exprime, nas estruturas da voz passiva analítica (construída com o verbo auxiliar “ser”), o agente da ação do verbo, sofrida pelo ser que ocupa a posição de sujeito da oração	A maçã <i>foi devorada</i> pela criança faminta (voz passiva analítica). / <i>Procuram-se</i> operários especializados (voz passiva sintética, que corresponde à passiva analítica Operários especializados <i>são procurados</i>). O boi foi engolido <i>pela jibóia</i> . A secretária foi ameaçada de demissão <i>pelo patrão</i> . Ele é uma pessoa muito querida <i>de (por) todos os colegas</i> .		
Voz Reflexiva	Sintagma Verbal	O sujeito é ao mesmo tempo agente e paciente do processo expresso pelo verbo. Assim, a ação ao mesmo tempo origina-se no sujeito do verbo e sobre ele se reflete	Depois das denúncias de corrupção, o governador <i>demitiu-se</i> de suas funções.		
Voz Média					
Verbos Auxiliares	Sintagma Verbal	Aqueles utilizados juntamente com outros verbos para a formação dos tempos compostos e das locuções verbais Os mais freqüentes são <i>ter, haver, ser, estar</i> . Funcionam também como auxiliares, em construções <i>perifrásticas</i> , verbos como <i>ir, vir, andar, poder, querer, precisar, mandar, etc.</i>	1. <i>tenho</i> estudado 2. <i>hávamos</i> feito 3. <i>poderão</i> ganhar, 4. <i>precisamos</i> vencer.		
Locução Verbal	Sintagma Verbal	Conjuntos de formas verbais, das quais a primeira (o verbo auxiliar) é flexionada para número-pessoa e modo-tempo e a segunda (o verbo principal) apresenta-se em	1. <i>Tenho lido</i> muito ultimamente. 2. Os alunos <i>foram elogiados</i> . 3. <i>Preciso estudar</i> . 4. <i>Começamos a</i>		

		uma das formas nominais (infinitivo, gerúndio, particípio). Equivalem a uma forma verbal única, nos contextos em que ocorrem.	<i>estudar Física.</i>		
--	--	---	------------------------	--	--

2.2. Novíssima Gramática da Língua Portuguesa, de Domingos Paschoal Cegalla

A Novíssima Gramática da Língua Portuguesa³⁶ apresenta as vozes verbais no capítulo sobre morfologia, em **Verbo**, logo após os paradigmas de conjugação dos verbos regulares. No capítulo sobre sintaxe, em **Termos integrantes da oração**, traz a definição de agente da passiva. Há, também no capítulo sobre sintaxe, em **O pronome se**, explicações e exemplos sobre a utilização desse pronome como apassivador e como reflexivo.

Abaixo, apresentaremos os conceitos e exemplos dados pela NOVÍSSIMA GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA.

Voz do verbo é a forma que este assume para indicar que a ação verbal é praticada ou sofrida pelo sujeito.

Três são as vozes do verbo: a *ativa*, a *passiva*, e a *reflexiva*.

Um verbo está na **voz ativa** quando o sujeito é agente, isto é, faz a ação expressa pelo verbo. Exemplos:

O caçador **abateu** a ave.

O vento **agitava** as águas.

Os pais **educam** os filhos.

Um verbo está na **voz passiva** quando o sujeito é paciente, isto é, sofre, recebe, ou desfruta, a ação expressa pelo verbo. Exemplos:

A ave **foi abatida** pelo caçador.

As águas **eram** agitadas pelo vento.

Os filhos são educados pelos pais.

Observação

Só verbos transitivos podem ser usados na voz passiva.

³⁶ CEGALLA (1998)

Na seqüência dessas informações, antes de o conceito e de os exemplos da voz reflexiva serem apresentados, é definida a formação da voz passiva.

A voz passiva, mais freqüentemente, é formada:

1) pelo verbo auxiliar *ser* seguido do particípio do verbo principal. Nesse caso, a voz é *passiva analítica*. Exemplos:

O homem **é afligido** pelas doenças.

A criança **era conduzida** pelo pai.

As ruas **serão enfeitadas**.

Seriam abertas novas escolas.

“Dos conveses dos navios **seriam vistas** torres de petróleo em todo o litoral.” (Ledo Ivo)

Na voz passiva analítica, o verbo pode vir acompanhado de um agente, como nos dois primeiros exemplos deste parágrafo.

Menos freqüentemente, pode-se exprimir a passiva analítica com outros verbos auxiliares.

Exemplos:

A aldeia **estava isolada** pelas águas.

A presa **estava sendo devorada** pelo leão.

O cachorro **ficou esmagado** pela roda do ônibus.

A noiva **vinha acompanhada** pelo pai.

O preso **ia escoltado** pelos guardas.

“Eu **ia perseguido** por criaturas inexistentes.” (Graciliano Ramos)

2) com o pronome apassivador *se* associado a um verbo ativo da 3ª pessoa. Nesse caso, temos *voz passiva pronominal*. Exemplos:

Regam-se as plantas.

Organizou-se o campeonato.

Abrir-se-ão novas escolas.

Ainda não **se lançaram** as redes.

Já **se têm feito** muitas experiências.

Entregaram-se os troféus aos vencedores da corrida.

“Não indagava o motivo de **se encherem** os cestos, perguntava se eles realmente **se enchiam**.” (Graciliano Ramos)

Por amor da clareza, preferir-se-á passiva analítica toda vez que o sujeito for uma pessoa ou animal que possa ser agente da ação verbal.

Exemplo: *Foi retirada* a guarda.

[“*Retirou-se* a guarda” tanto pode ser passiva como reflexiva.]

Dados esses exemplos, vem a definição de voz reflexiva e, depois, volta-se às vozes ativa e passiva, quando se trata da conversão de uma em outra.

Na voz *reflexiva* o sujeito é ao mesmo tempo agente e paciente: faz uma ação cujos efeitos ele mesmo sofre ou recebe. Exemplos:

O caçador **feriu-se**.

A menina **penteou-se**.

Sacrifiquei-me por ele.

Os pais **contemplam-se** nos filhos.

O preso **suicidou-se**.

Vistamo-nos e enfeitemo-nos para a festa!

O verbo reflexivo é conjugado com os pronomes reflexivos *me, te, se, nos, vos, se*. Esses pronomes são reflexivos quando se lhes pode acrescentar *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos, a si mesmos*, respectivamente. Exemplos:

Consideras-te aprovado? (*a ti mesmo*)

Classes sociais **arrogam-se (a si mesmas)** direitos que a lei lhes nega.

Às vezes **nos intoxicamos** com alimentos deteriorados.

Errando, **prejudicamo-nos** a nós mesmos.

Aquele escritor **fez-se** por si mesmo.

Por que **vos atribuíis** tanta importância?

Observações

1ª) Não se deve atribuir sentido reflexivo a verbos que designam sentimentos, como *queixar-se, alegrar-se, arrepender-se, zangar-se, indignar-se* e outros meramente pronominais. O pronome átono como que se dilui nesses verbos, dos quais é parte integrante. A prova de que não são reflexivos é que não se pode dizer, por exemplo, *zango-me a mim mesmo*.

2ª) Observe-se também que em frases como “João fala de **si**” há *reflexividade*, mas não há voz *reflexiva*, porque o verbo não é reflexivo.

Após essas observações, a NOVÍSSIMA GRAMÁTICA traz uma variante da voz reflexiva, a que denota reciprocidade.

Uma variante da voz reflexiva é a que denota reciprocidade, ação mútua ou correspondida. Os verbos dessa voz, por alguns chamados *recíprocos*, usam-se, geralmente, no plural e podem ser reforçados pelas expressões *um ao outro, reciprocamente, mutuamente*. Exemplos:

Amam-se como irmãos. (Amam um ao outro)

Os dois pretendentes **insultaram-se**.

Ó povos, por que **vos guerreais** tão barbaramente?

Os dois escritores **carteavam-se** assiduamente.

Muitas vezes, **atrapalhamo-nos** uns aos outros.

Cumprimentaram-se e **abraçaram-se** com alegria e emoção.

“A gente **se correspondia** por meio de sinais e gestos, de janela a janela.” (Rubem Braga)

“Fazia meses que não **se viam**.” (Autran Dourado)

“As companheiras **convidavam-se** umas às outras.” (Helena Silveira)

“Os dois irmãos **entreolharam-se** em silêncio.” (Camilo Castelo Branco)

“Tacapes e tangapemas **entrechocam-se** no ar.” (Gastão Cruls)

“O Presidente esperará que vocês **se entredevorem**, para ver o que sobra.” (Ciro dos Anjos)

Observação

Em muitos verbos reflexivos a idéia de reciprocidade é reforçada pelo prefixo **entre**: *entremear-se, entrechocar-se, entrebater-se, entredevorar-se, entrecruzar-se, entredilacerar-se, entrematar-se, entremorder-se, entreolhar-se, entrequerer-se, entrevistar-se.*

Conversão da voz ativa na passiva

Pode-se mudar a voz ativa na passiva sem alterar substancialmente o sentido da frase.

Exemplo:

Gutenberg **inventou** a imprensa. voz ativa

A imprensa **foi inventada** por Gutenberg. voz passiva

Observe que o objeto direto será o sujeito da passiva, o sujeito da ativa passará a agente da passiva e o verbo ativo assumirá a forma passiva, conservando o mesmo tempo. Outros exemplos:

Os calores intensos **provocam** as chuvas
As chuvas **são provocadas** pelos calores intensos.

Os mestres **têm** constantemente **aconselhado** os alunos.
Os alunos **têm sido** constantemente **aconselhados** pelos mestres.

Eu o **acompanharei**.
Ele **será acompanhado** por mim.

Todos te **louvariam**.
Serias louvado por todos.

Prejudicaram-me.
Fui prejudicado.

Condenar-te-iam.
Serias condenado.

Quando o sujeito da voz ativa for indeterminado, como nos dois últimos exemplos, não haverá complemento agente na passiva.

Observações finais

1ª) Aos verbos que não são ativos nem passivos ou reflexivos, alguns gramáticos chamam *neutros*:

O vinho *é* bom. Aqui *chove* muito.

2ª) Há formas passivas com sentido ativo:

É chegada a hora. (= Chegou a hora.)

Eu ainda não *era nascido*. (= Eu ainda não tinha nascido.)

“*São decorridos* três meses do crime, e o Edifício ainda continua na berlinda.” (Aníbal Machado)

“Imaginei que ela saíra do mato *almoçada* e feliz.” (Machado de Assis)

“Nós estávamos *brigados*.” (Machado de Assis)

És um homem *lido* e *viajado*. (= que leu e viajou)

3ª) Inversamente, usamos formas ativas com sentido passivo:

Há coisas difíceis de *entender* (= serem entendidas).

Mandou-o *lançar* na prisão (*lançar* = ser lançado).

4ª) Os verbos *chamar-se*, *batizar-se*, *operar-se* (no sentido cirúrgico) e *vacinar-se* são considerados passivos por alguns autores, por isso que o sujeito é paciente:

Chamo-me Luís.

Batizei-me na igreja do Carmo

Operou-se de hérnia.

Vacinaram-se contra o tifo.

O conceito e os exemplos de agente da passiva aparecem no capítulo sobre sintaxe, no tópico Termos Integrantes da Oração.

Agente da passiva é o complemento de um verbo na voz passiva. Representa o ser que pratica a ação expressa pelo verbo passivo. Vem regido comumente da preposição *por*, e menos freqüentemente da preposição *de*:

Alfredo é estimado **pelos colegas**.

A cidade estava cercada **pelo exército**.

“Era conhecida **de todo mundo** a fama de suas riquezas.” (Olavo Bilac)

O agente da passiva pode ser expresso pelos substantivos ou pronomes:

As flores são umedecidas **pelo orvalho**.

A carta foi cuidadosamente corrigida **por mim**.

Muitos já estavam dominados **por ele**.

Aquele é o cachorro **pelo qual** fui mordido.

Conheço o funcionário **por quem** fui atendido.

Por quem teria ele sido denunciado?

O agente da passiva corresponde ao sujeito da oração na voz ativa:

A rainha era aclamada **pela multidão**. (voz passiva)

A multidão aclamava a rainha. (voz ativa)

Ele será acompanhado **por ti**. (voz passiva)

Tu o acompanharás. (voz ativa)

Observações

1ª) Conforme frisamos na página 207, § 8, frase de forma passiva analítica sem complemento agente, ao passar para a ativa, terá sujeito indeterminado e verbo na 3ª pessoa do plural.

Ele foi expulso da cidade. —————> *Expulsaram-no* da cidade.

As florestas *são devastadas*. —————> *Devastam* as florestas.

2ª) Na passiva pronominal não se declara o agente.

Nas ruas *assobiavam-se* as canções dele pelos pedestres. (*errado*)

Nas ruas *eram assobiadas* as canções dele pelos pedestres. (*certo*)

Assobiavam-se as canções dele nas ruas. (*certo*)

Ainda no capítulo sobre sintaxe, no tópico **Emprego de algumas classes de palavras**, há um item especificamente sobre o pronome *se*, apresentando-o na frase como (1) pronome reflexivo, com a função sintática de objeto direto de verbos reflexivos; (2) pronome reflexivo, com a função de objeto indireto de verbos reflexivos; (3) pronome reflexivo, com a função de objeto direto de verbos reflexivos e recíprocos; (4) pronome reflexivo e objeto indireto de verbos reflexivos recíprocos; (5) pronome reflexivo, sujeito de um infinitivo; (6) pronome apassivador. Forma passiva pronominal, juntando-se a verbos transitivos; (7) índice de indeterminação do sujeito; (8) palavra expletiva ou de realce. Neste caso o pronome *se*, sem ser rigorosamente necessário, transmite à ação verbal mais vigor, ênfase, ou certa espontaneidade. No caso em apreço, o pronome *se*, não tendo valor gramatical mas apenas estilístico, não exerce função sintática; (9) parte integrante de verbos que exprimem sentimentos, mudança de estado, movimento, etc., como *queixar-se*, *arrepender-se*, *alegrar-se*, *converter-se*, *afastar-se* e outros verbos pronominais. O *se* que se associa a esses verbos não tem função sintática.

A seguir, estão alguns dos exemplos apresentados pela NOVÍSSIMA GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA, numerados de acordo com a discriminação do parágrafo anterior, para os empregos de *se*.

- (1) Se você está doente, *trate-se*.
- (2) Ele *arroga-se* o direito de intervir. [*se = a si*]
- (3) Os dois *amam-se* como irmãos.
- (4) Avó e neta queriam-se muito. [*uma queria muito à outra*]
- (5) “Sofia *deixou-se* estar à janela. (Machado de Assis)
- (6) “Jabuticaba *chupa-se* no pé.”
- (7) Para que a obra fique pronta, é preciso que *se espere* ainda dois anos.
- (8) As moças *sorriram-se*, agradecidas. [As moças sorriram, agradecidas.]

Todas as informações acerca das vozes verbais foram antecedidas, no capítulo Morfologia, pela discriminação das características da classe gramatical **Verbo**, dentre as quais encontramos a definição de verbos auxiliares e de locuções verbais. Essa definição nos interessa porque verbos auxiliares e locuções verbais estão diretamente ligados à formação das vozes verbais.

Verbos Auxiliares

São os que se juntam a uma forma nominal de outro verbo para constituir a voz passiva, os tempos compostos e as locuções verbais.

- Somos castigados* pelos nossos erros.
Tenho estudado muito esta semana.
 Jacinto *havia chegado* naquele momento.
 O mecânico *estava consertando* o carro.
 O secretário *vai anunciar* os resultados.
Começava a escurecer na cidade de Itu.

Locução Verbal

Outro tipo de conjugação composta – também chamada *conjugação perifrástica* – são as **locuções verbais**, constituídas de verbos auxiliares mais gerúndio ou infinitivo.

- Tenho de ir* hoje. *Hei de ir* amanhã.
Estava lendo o jornal.
 Que *vais fazer*?
 Ela *começou a rir*, não *queria comprometer-se*.
 Não *devem hesitar*. *Podemos precisar* dele.
Deveis ir prestar-lhe vossas homenagens.
 Clóvis *anda viajando*.
 Sandra *veio correndo*: o noivo *acabara de chegar*.
 João *entrou a falar* alto.
 O jornal *voltou a circular*.

Sintetizando os dados compilados de Cegalla (1998), observamos que as vozes verbais são tratadas no capítulo Morfologia, no estudo do verbo, organizadas na seguinte seqüência: (1) conceito de *voz verbal*, (2) breve conceito e exemplos de *voz passiva* e de *voz ativa*; (3) conceito detalhado de *voz passiva – pronominal e analítica*; (4) conceito detalhado e exemplos de *voz reflexiva*, apresentando a *reflexiva de reciprocidade*; e (4) conversão de *voz ativa* em *passiva*. No capítulo Sintaxe, encontramos (1) o conceito de *agente da passiva*, acompanhado de exemplos, e (2) os empregos do pronome *se*, em que *se* volta a falar em vozes verbais. Tendo em vista que os dados colhidos desse manual são muitos, resolvemos dividi-los em duas tabelas: na Tabela 2 são apresentados os dados das vozes ativa e passiva, do agente da passiva e do emprego de *se*; na Tabela 3, os dados sobre as vozes reflexiva e média, os verbos auxiliares e as locuções verbais.

Tabela - 2 Descrição das Vozes Ativa e Passiva, do Emprego de *se* e do Agente da Passiva na Novíssima Gramática da Língua Portuguesa

Itens analisados	Capítulo do manual	Definição	Exemplo	Teoria subjacente	Obs.
Voz Ativa	Morfologia	Um verbo está na voz ativa quando o sujeito é agente, isto é, faz a ação expressa pelo verbo.	O caçador abateu a ave. O vento agitava as águas. Os pais educam os filhos.	Gramática Tradicional	
Voz Passiva/ Agente da Passiva	Morfologia & Sintaxe	Um verbo está na voz passiva quando o sujeito é paciente, isto é, sofre, recebe, ou desfruta, a ação expressa pelo verbo. A voz passiva, mais freqüentemente, é formada: 1) pelo verbo auxiliar <i>ser</i> seguido do participio do verbo principal. Nesse caso, a voz é <i>passiva analítica</i> . 2) com o pronome apassivador <i>se</i> associado a um verbo ativo da 3ª pessoa. Nesse caso, temos <i>voz passiva pronominal</i> . Pode-se mudar a voz ativa na passiva sem alterar substancialmente o sentido da frase.	A ave foi abatida pelo caçador. As águas eram agitadas pelo vento. Os filhos são educados pelos pais. O homem é afligido pelas doenças. A criança era conduzida pelo pai. As ruas serão enfeitadas . Seriam abertas novas escolas. "Dos conveses dos navios seriam vistas torres de petróleo em todo o litoral." (Ledo Ivo) Gutenberg inventou a imprensa. voz ativa A imprensa foi inventada por Gutenberg. voz	Gramática Tradicional	Só verbos transitivos podem ser usados na voz passiva. Observações finais 1ª) Aos verbos que não são ativos nem passivos ou reflexivos, alguns gramáticos chamam <i>neutros</i> : O vinho é bom. Aqui <i>chove</i> muito. 2ª) Há formas passivas com sentido ativo: <i>É chegada</i> a hora. (= Chegou a hora.) 3ª) Inversamente, usamos formas ativas com sentido passivo: Há coisas difíceis de <i>entender</i> (= serem entendidas). Mandou-o <i>lançar</i> na prisão (<i>lançar</i> = ser lançado). 4ª) Os verbos <i>chamar-se</i> , <i>batizar-se</i> , <i>operar-se</i> (no sentido cirúrgico) e <i>vacinar-se</i> são considerados passivos

		<p><i>Agente da passiva</i> é o complemento de um verbo na voz passiva. Representa o ser que pratica a ação expressa pelo verbo passivo. Vem regido comumente da preposição <i>por</i>, e menos freqüentemente da preposição <i>de</i>.</p>	<p>passiva</p> <p>Alfredo é estimado pelos colegas. A cidade estava cercada pelo exército. "Era conhecida de todo mundo a fama de suas riquezas." (Olavo Bilac)</p>	<p>por alguns autores, por isso que o sujeito é paciente: <i>Chamo-me</i> Luís.</p> <p>1ª) Conforme frisamos na página 207 § 8, frase de forma passiva analítica sem complemento agente, ao passar para a ativa, terá sujeito indeterminado e verbo na 3ª pessoa do plural. <i>Ele foi expulso</i> da cidade. <i>Expulsaram-no</i> da cidade.</p> <p>2ª) Na passiva pronominal não se declara o agente. Nas ruas <i>assobiavam-se</i> as canções dele pelos pedestres. (<i>errado</i>) Nas ruas <i>eram assobiadas</i> as canções dele pelos pedestres. (<i>certo</i>) <i>Assobiavam-se</i> as canções dele nas ruas. (<i>certo</i>)</p>
Emprego do se	Morfologia	<p>O pronome <i>se</i> aparece na frase como pronome reflexivo, com a função sintática de objeto direto de verbos reflexivos; pronome reflexivo, com a função de objeto indireto de verbos reflexivos; pronome reflexivo, com a função de objeto direto de verbos reflexivos e recíprocos; pronome reflexivo e objeto indireto de verbos reflexivos recíprocos; pronome reflexivo, sujeito de um infinitivo; pronome apassivador. Forma passiva pronominal, juntando-se a verbos transitivos; índice de indeterminação do sujeito; palavra expletiva ou de realce. Neste caso o pronome <i>se</i>, sem ser rigorosamente necessário, transmite à ação verbal mais vigor, ênfase, ou certa espontaneidade. No caso em apreço, o pronome <i>se</i>, não tendo valor gramatical mas apenas estilístico, não exerce função sintática; parte integrante de verbos que exprimem sentimentos, mudança</p>	<p>Se você está doente, <i>trate-se</i>. Ele <i>arroga-se</i> o direito de intervir. [<i>se = a si</i>] Os dois <i>amam-se</i> como irmãos. Avó e neta queriam-se muito. [<i>uma queria muito à outra</i>] "Sofia <i>deixou-se</i> estar à janela. (Machado de Assis) "Jaboticaba <i>chupa-se</i> no pé." Para que a obra fique pronta, é preciso que <i>se espere</i> ainda dois anos. As moças <i>sorriram-se</i>, agradecidas. [As moças <i>sorriram</i>, agradecidas.]</p>	

		de estado, movimento, etc., como <i>queixar-se</i> , <i>arrepender-se</i> , <i>alegrar-se</i> , <i>converter-se</i> , <i>afastar-se</i> e outros verbos pronominais. O <i>se</i> que se associa a esses verbos não tem função sintática.			
--	--	--	--	--	--

Tabela - 3 Descrição das Vozes Reflexiva e Média, dos Verbos Auxiliares e das Locuções Verbais na Novíssima Gramática da Língua Portuguesa

Voz Reflexiva	Morfologia	<p>Na voz <i>reflexiva</i> o sujeito é ao mesmo tempo agente e paciente: faz uma ação cujos efeitos ele mesmo sofre ou recebe.</p> <p>O verbo reflexivo é conjugado com os pronomes reflexivos <i>me</i>, <i>te</i>, <i>se</i>, <i>nos</i>, <i>vos</i>, <i>se</i>. Esses pronomes são reflexivos quando se lhes pode acrescentar <i>a mim mesmo</i>, <i>a ti mesmo</i>, <i>a si mesmo</i>, <i>a nós mesmos</i>, <i>a vós mesmos</i>, <i>a si mesmos</i>, respectivamente.</p> <p>Uma variante da voz reflexiva é a que denota reciprocidade, ação mútua ou correspondida. Os verbos dessa voz, por alguns chamados <i>recíprocos</i>, usam-se, geralmente, no plural e podem ser reforçados pelas expressões <i>um ao outro</i>, <i>reciprocamente</i>, <i>mutuamente</i>.</p>	<p>O caçador feriu-se. A menina penteou-se. Sacrifiquei-me por ele. Os pais contemplam-se nos filhos. O preso suicidou-se. Vistamo-nos e enfeitamo-nos para a festa! Consideras-te aprovado? (<i>a ti mesmo</i>) Classes sociais arrogam-se (a si mesmas) direitos que a lei lhes nega. Às vezes nos intoxicamos com alimentos deteriorados. Errando, prejudicamo-nos a nós mesmos. Aquele escritor fez-se por si mesmo. Por que vos atribuíis tanta importância?</p> <p>Amam-se como irmãos. (Amam um ao outro) Os dois pretendentes insultaram-se. Ó povos, por que vos guerreais tão barbaramente? Os dois escritores carteavam-se assiduamente. Muitas vezes, atrapalhamo-nos uns aos outros. Cumprimentaram-se e abraçaram-se com alegria e emoção. “A gente se correspondia por meio de sinais e gestos, de janela a janela.” (Rubem Braga) “Fazia meses que não se viam.” (Autran Dourado) “As companheiras convidavam-se umas às outras.” (Helena Silveira) “Os dois irmãos entreolharam-se em silêncio.” (Camilo Castelo Branco) “Tacapes e tangapemas</p>	Gramática Tradicional	<p>1^a) Não se deve atribuir sentido reflexivo a verbos que designam sentimentos, como <i>queixar-se</i>, <i>alegrar-se</i>, <i>arrepender-se</i>, <i>zangar-se</i>, <i>indignar-se</i> e outros meramente pronominais. O pronome átono como que se dilui nesses verbos, dos quais é parte integrante. A prova de que não são reflexivos é que não se pode dizer, por exemplo, <i>zango-me a mim mesmo</i>.</p> <p>2^a) Observe-se também que em frases como “João fala de si” há <i>reflexividade</i>, mas não há voz <i>reflexiva</i>, porque o verbo não é reflexivo.</p> <p>Em muitos verbos reflexivos a idéia de reciprocidade é reforçada pelo prefixo entre: <i>entremear-se</i>, <i>entrechocar-se</i>, <i>entrebater-se</i>, <i>entrededorar-se</i>, <i>entrecruzar-se</i>, <i>entredilacerar-se</i>, <i>entrematar-se</i>, <i>entremorder-se</i>, <i>entreolhar-se</i>, <i>entrequerer-se</i>, <i>entrevistar-se</i>.</p>
------------------	------------	--	---	-----------------------	--

			entrechocam-se no ar.” (Gastão Cruls) “O Presidente esperará que vocês se entredevorem , para ver o que sobra.” (Ciro dos Anjos)		
Voz Média					
Verbos Auxiliares	Morfologia	São os que se juntam a uma forma nominal de outro verbo para constituir a voz passiva, os tempos compostos e as locuções verbais.	<i>Somos castigados</i> pelos nossos erros. <i>Tenho estudado</i> muito esta semana. Jacinto <i>havia chegado</i> naquele momento. O mecânico <i>estava consertando</i> o carro. O secretário <i>vai anunciar</i> os resultados. <i>Começava a escurecer</i> na cidade de Itu.	Gramática Tradicional	
Locução Verbal	Morfologia	Outro tipo de conjugação composta – também chamada <i>conjugação perifrástica</i> – são as locuções verbais , constituídas de verbos auxiliares mais gerúndio ou infinitivo.	<i>Tenho de ir</i> hoje. <i>Hei de ir</i> amanhã. <i>Estava lendo</i> o jornal. <i>Que vais fazer?</i> Ela <i>começou a rir</i> , não <i>queria comprometer-se</i> . Não <i>devem hesitar</i> . <i>Podemos precisar</i> dele. <i>Deveis ir prestar-lhe</i> vossas homenagens. Clóvis <i>anda viajando</i> . Sandra <i>veio correndo</i> : o noivo <i>acabara de chegar</i> . João <i>entrou a falar</i> alto. O jornal <i>voltou a circular</i> .	Gramática Tradicional	

2.3. Português – Série Brasil, de Faraco e Moura

Este manual³⁷ consiste, basicamente, em um livro de literatura, já que as unidades trabalham especificamente com a cronologia dos estilos literários, mas insere questões referentes ao uso da língua materna ao longo das análises textuais. Os conteúdos gramaticais estão colocados ao final do livro, em um capítulo chamado de **Apêndice Gramatical**. As explicações acerca da adoção de tal metodologia são apresentadas pelos autores na Introdução:

A metodologia escolhida para o trabalho com a língua não se prende exclusivamente à sistematização da norma-padrão e à memorização de regras, mas atende à análise de situações de uso do idioma. Isso não implica abandonar a terminologia metalingüística, mas selecionar em toda a descrição do idioma os aspectos fundamentais, considerando que no repertório do aluno já constam informações metalingüísticas adquiridas no Ensino Fundamental. (FARACO E MOURA, 2004, p. 3)

Neste Apêndice Gramatical, na parte dedicada à Morfologia, em **Verbo**, encontramos a classificação dos verbos, a flexão, o modo, o tempo, as formas nominais e as vozes verbais. Nessa caracterização aparecem breves conceitos e poucos exemplos, como poderemos ver a seguir no estudo sobre as vozes verbais.

Voz

Indica o relacionamento do sujeito com o processo verbal.

Ativa: quando o sujeito é agente: Bernardo **feriu** o colega.

Passiva: quando o sujeito é paciente, sofre a ação verbal:

a. analítica (com verbo auxiliar + particípio):

O colega **foi ferido** por Bernardo.

b. Sintética (com pronome apassivador e verbos transitivos diretos):

Alugam-se casas.

Reflexiva: quando o sujeito é agente e paciente: Bernardo **feriu-se**.

Na parte dedicada à Sintaxe, em **Termos integrantes**, está o **agente da passiva**, que é apresentado com uma definição mais detalhada de **voz passiva**. A seguir, os dados coletados no livro.

Agente da passiva

a. Pratica a ação na voz passiva.

b. Vem introduzido por preposição: A carruagem era puxada por dois magros cavalos.

sujeito	agente da passiva

Há dois tipos de voz passiva:

Analítica - Formada pelo verbo principal no particípio mais verbo auxiliar:

Hiroxima **foi destruída** pela bomba atômica.



 verbo auxiliar (**ser**) + verbo no particípio

³⁷ FARACO E MOURA (2004)

Sintética – Formada pelo verbo principal mais a partícula apassivadora **se**:

Destruuiu-se Hiroxima.

Obs.:

1. Em geral, na voz passiva sintética não se utiliza o agente da passiva. No entanto, isso pode ocorrer como no exemplo abaixo:

Esta classe se constitui **de jovens**.

|
agente da passiva

2. É preciso também tomar cuidado com a concordância verbal na voz passiva sintética:

Construíram-se muitos edifícios.

\ | /
 verbo no part. sujeito
 plural apassivadora

Em Faraco e Moura (2004), observamos a seguinte disposição das vozes verbais: na Morfologia, em **Verbo**, há a definição de **voz**, da **voz ativa**, da **passiva** e da **reflexiva**; na Sintaxe, encontramos definição de **agente da passiva** e um conceito mais preciso dos dois tipos de voz passiva – a **analítica** e a **sintética**. Não há definição de verbos auxiliares nem de locução verbal em qualquer uma das secções do **Apêndice gramatical**. A Tabela 4 demonstrará a organização desses dados.

Tabela - 4 Descrição das Vozes Verbais no Livro Português – Série Brasil

Itens analisados	Capítulo do manual	Definição	Exemplo	Teoria Subjacente	Observações
Voz Ativa	Morfologia	Ativa: quando o sujeito é agente.	Bernardo feriu o colega.	Gramática Tradicional	

Voz Passiva & Agente da Passiva	Morfologia & Sintaxe	Passiva: quando o sujeito é paciente, sofre a ação verbal: a. analítica (com verbo auxiliar + particípio) b. sintética (com pronome apassivador e verbos transitivos diretos) Agente da passiva a. Pratica a ação na voz passiva. b. Vem introduzido por preposição	O colega foi ferido por Bernardo. Alugam-se casas. A carruagem era puxada por dois magros cavalos .	Gramática Tradicional	Obs.: Em geral, na voz passiva sintética não se utiliza o agente da passiva. No entanto, isso pode ocorrer como no exemplo abaixo: Esta classe se constitui de jovens . É também tomar cuidado com a concordância verbal na voz passiva sintética: Construíram-se muitos edifícios.
Voz Reflexiva	Morfologia	Reflexiva: quando o sujeito é agente e paciente.	Bernardo feriu-se .	Gramática Tradicional	
Voz Média					
Verbos Auxiliares					
Locução Verbal					

2.4. Nova Gramática do Português Contemporâneo, de Cunha e Cintra

A NOVA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO³⁸ traz, no capítulo 7 – **Frase, oração, período** -, a definição e os exemplos para **agente da passiva**, incluído no item **Termos integrantes da oração**. No capítulo 11, destinado ao pronome, encontramos os valores do **se**, que nos interessam porque se ligam tanto à voz passiva quanto à reflexiva e à média. As **vozes verbais** aparecerão com sua definição completa no capítulo 13, destinado ao verbo, capítulo em que serão definidos também os **verbos auxiliares** e as **locuções verbais**.

Os dados coletados serão discriminados abaixo, seguindo exatamente a mesma ordem em que são dispostos no livro.

Agente da passiva

AGENTE DA PASSIVA é o complemento que, na voz passiva com auxiliar, designa o ser que pratica a ação sofrida ou recebida pelo sujeito. Este complemento verbal –

normalmente introduzido pela preposição *por* (ou *per*) e, algumas vezes, por *de* – pode ser representado:

- a. por substantivo ou palavra substantivada:
 - Esta carta foi escrita **por** um **marinheiro** americano. (F. Namora, DT, 120)
 - Um jornal é lido **por** muita **gente**. (C. Drummond de Andrade, CB, 30)
- b. por pronome:
 - Ele **dela** é ignorado.
 - Ela **para ele** é ninguém.
 - (F. Pessoa, OP, 117)
 - A mesma oração foi **por mim** proferida em São José dos Campos, minha cidade natal. (Cassiano Ricardo, VTE, 26)
- c. por numeral:
 - Tudo quanto os leitores sabem de um e de outro foi ali exposto **por ambos**, e **por ambos** ouvido entre abatimento e cólera. (Machado de Assis, OC, II 212-213)
 - Não devem ser escutadas por todos; têm de ser ouvidas **por um**. (J. Paço d'Arcos, CVL, 350)
- d. por oração substantiva:
 - E se a primeira pode não encontrar partidários incondicionais, a segunda é certamente subscrita **por quantos tenham uma experiência análoga**, e não pensam a América, mas se incorporam nela, sem deixarem de ser Europeus. (M. Torga, TU, 48)
 - Mariana era apreciada **por todos quantos iam a nossa casa, homens e senhoras**. (Machado de Assis, OC, II, 746)

Transformação da oração ativa em passiva

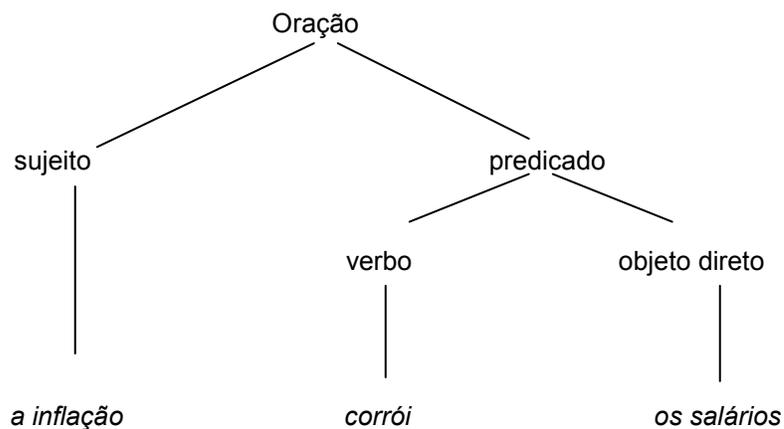
Quando uma oração contém um verbo com objeto direto, ela pode assumir a forma passiva, mediante as seguintes transformações:

- a) o objeto direto passa a ser sujeito da passiva;
- b) o verbo passa à forma passiva analítica do mesmo tempo e modo;
- c) o sujeito converte-se em agente da passiva.

Tomando-se como exemplo a seguinte oração ativa,

A inflação corrói os salários,

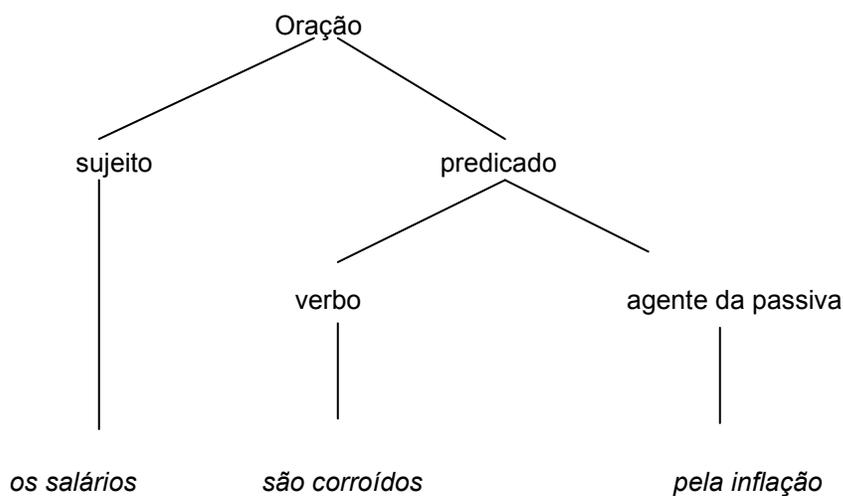
poderíamos colocá-la no esquema:



Convertida na oração passiva, teríamos:

Os salários são corroídos pela inflação.

O seu esquema seria então:



Se numa oração da voz ativa o verbo estiver na 3ª pessoa do plural para indicar a indeterminação do sujeito, na transformação passiva cala-se o agente. Assim:

VOZ ATIVA

Aumentaram os salários.

Contiveram a inflação.

VOZ PASSIVA

Os salários foram aumentados.

A inflação foi contida.

Observações:

1ª) Cumpre não esquecer que, na passagem de uma oração da voz ativa para a passiva, ou vice-versa, o agente e o paciente continuam os mesmos; apenas desempenham função sintática diferente.

2ª) Na voz passiva pronominal, a língua moderna omite sempre o agente.

Aumentou-se o salário dos gráficos.

Conteve-se a inflação em níveis razoáveis.

No capítulo 11 do manual de Cunha e Cintra, podemos verificar as explicações e os exemplos para o emprego de *se*, nos quais estão contempladas a voz passiva pronominal, a reflexiva e a sua função como expletivo. A seguir os dados apresentados pelo manual.

Valores e empregos do pronome se

O pronome *se* emprega-se como:

a) OBJETO DIRETO (emprego mais comum):

Ao sentir aquela robustez nos braços, meu pai tranqüilizou-**se** e tranqüilizou-o.

(G. Amado, HMI, 124)

Viu-**se** ao espelho, cadavérico.

(U. Tavares Rodrigues, NR, 107)

b) OBJETO INDIRETO:

Sofia dera-**se** pressa em tomar-lhe o braço.

(Machado de Assis, OC, I, 656)

Perguntava-**se** a si mesma Teresa se aquela horrorosa situação seria um sonho.

(C. Castelo Branco, OS, I, 390)

Emprego menos raro quando exprime a reciprocidade da ação:

Os nossos olhos muito perto, imensos

No desespero desse abraço mudo,

Confessaram-**se** tudo!

(J. Régio, PDD, 83)

Os estudantes passavam diante dos examinadores aglomerados, chocando-**se** uns aos outros como gado saindo em redemoinho da porta do curral.

(G. Amado, HMI, 191.)

(...)

d) PRONOME APASSIVADOR:

Ouve-**se** ainda o toque de rebate.

(B. Santareno, TPM, 121)

Fez-**se** novo silêncio.

(Coelho Neto, OS, I, 97)

(...)

f) PALAVRA EXPLETIVA (para realçar, com verbos intransitivos, a espontaneidade de uma atitude ou de um movimento do sujeito):

As estrelas dirão: - "Ai! nada somos,

Pois ela **se morreu**, silente e fria...”

(A. de Guimaraens, OC, 258)

Foi-se embora e à passagem, mascando o charuto, mediu Maria Antônia de alto a baixo.

(J. Paço d’Arcos, CVL, 929)

Vão-se as situações, e eles com elas.

(A. Magalhães, OC, 798)

(...)

Observações:

1ª) No português antigo e médio usava-se normalmente a passiva pronominal com agente expresso, como ilustra este passo camoniano:

Aqui **se escreverão** novas histórias

Por gentes estrangeiras que virão.

(Lus., VII, 55)

Na língua moderna evita-se tal prática. Daí soar-nos artificial uma construção como a seguinte:

Este verbo, em nossa língua, nunca **se usou pelos escritores vernáculos** senão como equivalente de amar.

(Rui Barbosa, R, nº 384)

2ª) Em frases do tipo:

Vendem-**se** casas.

Compram-**se** móveis.

Consideram-se *casa* e *móveis* os sujeitos das formas verbais *vendem* e *compram*, razão por que na linguagem cuidada se evita deixar o verbo no singular.

No capítulo 13, então, encontraremos as definições das vozes verbais, conforme estão discriminadas abaixo.

Vozes

O fato expresso pelo verbo pode ser representado de três formas:

a) como *praticado* pelo sujeito:

João **feriu** Pedro.

Não **vejo** rosas neste jardim.

b) como *sofrido* pelo sujeito:

Pedro **foi ferido** por João.

Não **se vêem** [= são vistas] rosas neste jardim.

c) como *praticado e sofrido* pelo sujeito:

João **feriu-se**.

Dei-me pressa em sair.

No primeiro caso, diz-se que o verbo está na VOZ ATIVA; no segundo, na VOZ PASSIVA; no terceiro, na VOZ REFLEXIVA.

Como se verifica dos exemplos acima, o objeto direto da VOZ ATIVA corresponde ao sujeito da VOZ PASSIVA; e, na VOZ REFLEXIVA, o objeto direto ou indireto é a mesma pessoa do sujeito. Logo, para que um verbo admita transformação de voz, é necessário que ele seja TRANSITIVO.

Voz passiva. Exprime-se a VOZ PASSIVA:

a) com o VERBO AUXILIAR *ser* e o PARTICÍPIO do verbo que se quer conjugar:

Pedro **foi ferido** por João.

b) com o PRONOME APASSIVADOR *se* e uma terceira pessoa verbal, singular ou plural, em concordância com o sujeito:

Não **se vê** [= é vista] **uma rosa** no jardim.

Não **se vêem** [são vistas] **rosas** no jardim.

Voz reflexiva. Exprime-se a VOZ REFLEXIVA juntando-se às formas verbais da voz ativa os pronomes oblíquos *me, te, nos, vos* e *se* (singular e plural):

Eu **me feri** [= a mim mesmo]

Tu **te feriste** [= a ti mesmo]

Ele **se feriu** [= a si mesmo]

Nós **nos ferimos** [= a nós mesmos]

Vós **vos feristes** [= a vós mesmos]

Eles **se feriram** [= a si mesmos]

Observações:

1ª) Além do verbo *ser*, há outros auxiliares que, combinados com um participio, podem formar a VOZ PASSIVA. Estão nesse caso certos verbos que exprimem estado (*estar, andar, viver, etc.*), mudança de estado (*ficar*) e movimento (*ir, vir*):

Os homens já **estavam tocados** pela fé.

Ficou atormentado pelo remorso.

Os pais **vinham acompanhados** dos filhos.

2ª) Nas formas da VOZ PASSIVA, o participio concorda em gênero e número com o sujeito:

Ele foi **ferido**.

Ela foi **ferida**.

Eles foram **feridos**.

Elas foram **feridas**.

Classificação do verbo

Quanto à FUNÇÃO, o verbo pode ser PRINCIPAL OU AUXILIAR.

PRINCIPAL, é o verbo de significação plena, nuclear de uma oração. Assim:

Estudei português.

Haverá uma solução para o caso.

Comprei um livro.

AUXILIAR é aquele que, desprovido total ou parcialmente da acepção própria, se junta a formas nominais de um verbo principal, constituindo com elas locuções que apresentam matizes significativos especiais. Assim:

Tenho estudado português.

Há de haver uma solução para o caso.

Um livro **foi comprado** por mim.

Os AUXILIARES mais comuns são *ter*, *haver*, *ser* e *estar*, de que apresentamos, adiante, a conjugação completa.

Neste ponto, é importante chamar a atenção sobre o fato de que os autores desse manual, no item discriminado a seguir – **Verbos auxiliares e seu emprego**–, trazem exemplos e explicações detalhadas para os quatro verbos auxiliares que apresentam (*ter*, *haver*, *ser* e *estar*), além de outros, como *ir*, *vir*, *andar*, *ficar*, *acabar*. Para fins do estudo realizado nesta dissertação, no entanto, serão considerados apenas aqueles envolvidos no processo de formação da voz passiva.

Verbos auxiliares e seu emprego

Os conjuntos formados de um verbo auxiliar com um verbo principal chamam-se LOCUÇÕES VERBAIS. Nas LOCUÇÕES VERBAIS conjuga-se apenas o auxiliar, pois o verbo principal vem sempre numa das formas nominais: no PARTICÍPIO, no GERÚNDIO, ou no INFINITIVO IMPESSOAL.

Os AUXILIARES de uso mais freqüente são *ter*, *haver*, *ser* e *estar*³⁹

³⁹ NOTA DOS AUTORES DA NOVA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO: Como não há uniformidade de critério lingüístico para a determinação dos limites da auxiliaridade, costuma variar de gramática para gramática o elenco de verbos auxiliares. Sobre o assunto, no âmbito da língua portuguesa, o estudo mais desenvolvido é o de Lúcia Maria Pinheiro Lobato. *L'Auxiliarité em langue portugaise* (tese de doutorado apresentada à Universidade de Paris-III, Paris, 1970, mimeografado). Menção particular merecem também os trabalhos de: Eunice Pontes. *Verbos auxiliares no português*. Petrópolis, 1973, onde a auxiliaridade, principalmente dos verbos que se constroem com infinitivo, é estudada à luz da gramática transformacional; e de Eduardo

Ser emprega-se com o PARTICÍPIO do verbo principal, para formar os tempos da voz passiva de ação:

Exercícios **foram feitos** por mim.

Livros **serão comprados** por nós.

Estar emprega-se com o PARTICÍPIO do verbo principal, para formar tempos da voz passiva de estado:

Estou arrependido do que fiz.

Estamos impressionados com o fato.

Ficar, além de se juntar ao PARTICÍPIO para formar a voz passiva denotadora de mudança de estado (*ficou molhado*), emprega-se em outras situações com o gerúndio ou com o infinitivo⁴⁰.

Resumindo, para fins de organização dos dados apresentados, temos nesta Novíssima Gramática do Português Contemporâneo uma divisão peculiar dos capítulos que envolvem as vozes verbais: capítulo 7 – **Frase, oração, período** –, em que aparecem a definição e os exemplos para **agente da passiva**; capítulo 11 - **Pronomes** –, no qual são explicitados os valores do **se**; capítulo 13 – **Verbo** –, em que teremos as **vozes verbais** com sua definição completa, além de exemplos e definição de **verbos auxiliares** e de **locuções verbais**.

As Tabelas 5 e 6 permitirão a melhor visualização de tais dados. Na Tabela 5, são descritos agente da passiva, as vozes ativa, passiva, reflexiva e média; na Tabela 6, valores de *se*, verbos auxiliares e locuções verbais.

Tabela - 5 Descrição de Agente da Passiva e das Vozes Ativa, Passiva, Reflexiva e Média na Nova Gramática do Português Contemporâneo

Itens analisados	Capítulo do manual	Definição	Exemplo	Teoria Subjacente	Observações
Voz Ativa	Verbo	O fato expresso pelo verbo pode ser representado (...) como <i>praticado</i> pelo sujeito	João feriu Pedro. Não vejo rosas neste jardim.	Gramática Tradicional	
		Exprime-se a VOZ PASSIVA: com o VERBO AUXILIAR <i>ser</i> e	Pedro foi ferido por	Gramática Tradicional,	1ª) Cumpre não

Paiva Raposo. *A construção “união de orações” na gramática do português* (dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa, Lisboa, 1981, mimeografado), em que se examinam do ponto de vista da gramática relacional as construções de infinitivo com verbos como *fazer, mandar, deixar, ver, sentir e ouvir*.

⁴⁰ A mudança do tamanho da fonte indica que a última parte do período é redação da autora desta dissertação, uma vez que os demais exemplos apresentados pela gramática em análise não interessam para a construção das vozes verbais.

<p>Voz Passiva</p> <p>&</p> <p>Agente da Passiva</p>	<p>Verbo</p> <p>&</p> <p>Frase, oração, período</p>	<p>o PARTICÍPIO do verbo que se quer conjugar.</p> <p>com o PRONOME APASSIVADOR <i>se</i> e uma terceira pessoa verbal, singular ou plural, em concordância com o sujeito:</p> <p>AGENTE DA PASSIVA é o complemento que, na voz passiva com auxiliar, designa o ser que pratica a ação sofrida ou recebida pelo sujeito. Este complemento verbal – normalmente introduzido pela preposição <i>por</i> (ou <i>per</i>) e, algumas vezes, <i>por de</i> – pode ser representado:</p> <p>por substantivo ou palavra substantivada</p> <p>por pronome</p> <p>por numeral</p> <p>por oração substantiva</p> <p>Transformação da oração ativa em passiva</p>	<p>João.</p> <p>Não se vê [= é vista] uma rosa no jardim.</p> <p>Não se vêem [são vistas] rosas no jardim.</p> <p>Esta carta foi escrita por um marinheiro americano.⁴¹</p> <p>Um jornal é lido por muita gente. Ele dela é ignorado.</p> <p>Ela para ele é ninguém.</p> <p>A mesma oração foi por mim proferida em São José dos Campos, minha cidade natal.</p> <p>Tudo quanto os leitores sabem de um e de outro foi ali exposto por ambos, e por ambos ouvido entre abatimento e cólera.</p> <p>Não devem ser escutadas por todos; têm de ser ouvidas por um.</p> <p>E se a primeira pode não encontrar partidários incondicionais, a segunda é certamente subscrita por quantos tenham uma experiência análoga, e não pensam a América, mas se incorporam nela, sem deixarem de ser Europeus</p> <p>Mariana era apreciada por todos quantos iam a nossa casa, homens e senhoras.</p>	<p>embora haja a presença de diagramas da Gerativo-transformacional</p> <p>esquecer que, na passagem de uma oração da voz ativa para a passiva, ou vice-versa, o agente e o paciente continuam os mesmos; apenas desempenham função sintática diferente.</p> <p>2ª)</p> <p>Na voz passiva pronominal, a língua moderna omite sempre o agente.</p> <p>Aumentou-se o salário dos gráficos.</p> <p>Conteve-se a inflação em níveis razoáveis.</p> <p>1ª) Além do verbo <i>ser</i>, há outros auxiliares</p>
--	---	---	---	--

⁴¹ Como são muitos os exemplos deste manual, foram retirados, nas tabelas 5 e 6, os nomes dos autores das frases, mas eles aparecem no corpo do texto.

		<p>Quando uma oração contém um verbo com objeto direto, ela pode assumir a forma passiva, mediante as seguintes transformações:</p> <p>o objeto direto passa a ser sujeito da passiva; o verbo passa à forma passiva analítica do mesmo tempo e modo; o sujeito converte-se em agente da passiva.</p> <p>Se numa oração da voz ativa o verbo estiver na 3ª pessoa do plural para indicar a indeterminação do sujeito, na transformação passiva cala-se o agente.</p>	<p>A inflação corrói os salários.</p> <p>Os salários são corroidos pela inflação</p> <p>VOZ ATIVA Aumentaram os salários. Contiveram a inflação. VOZ PASSIVA Os salários foram aumentados. A inflação foi contida.</p>		<p>que, combinados com um participio, podem formar a VOZ PASSIVA. Estão nesse caso certos verbos que exprimem estado (<i>estar, andar, viver, etc.</i>), mudança de estado (<i>ficar</i>) e movimento (<i>ir, vir</i>): Os homens já estavam tocados pela fé.</p> <p>Ficou atormentado pelo remorso. Os pais vinham acompanhados dos filhos. 2ª) Nas formas da VOZ PASSIVA, o participio concorda em gênero e número com o sujeito: Ele foi ferido. Ela foi ferida. Eles foram feridos. Elas foram feridas.</p>
Voz Reflexiva	Verbo	Exprime-se a VOZ REFLEXIVA juntando-se às formas verbais da voz ativa os pronomes oblíquos <i>me, te, nos, vos</i> e <i>se</i> (singular e plural).	<p>Eu me ferí [= a mim mesmo] Tu te feriste [= a ti mesmo] Ele se feriu [= a si mesmo] Nós nos ferimos [= a nós mesmos] Vós vos feristes [= a vós mesmos] Eles se feriram [= a si mesmos]</p>	Gramática Tradicional	
Voz Média					

Tabela - 6 Descrição de Valores de Se, Verbos Auxiliares e Locuções Verbais na Nova Gramática do Português Contemporâneo

Itens analisados	Capítulo do manual	Definição	Exemplo	Teoria Subjacente	Observações
Valores de se	Pronomes	<p>O pronome se emprega-se como: OBJETO DIRETO (emprego mais comum)</p> <p>OBJETO INDIRETO</p> <p>Emprego menos raro quando exprime a reciprocidade da ação:</p> <p>(...)</p> <p>PRONOME APASSIVADOR:</p> <p>(...) PALAVRA EXPLETIVA (para realçar, com verbos intransitivos, a espontaneidade de uma atitude ou de um movimento do sujeito):</p>	<p>Ao sentir aquela robustez nos braços, meu pai tranqüilizou-se e tranqüilizou-o. Viu-se ao espelho, cadavérico.</p> <p>Sofia dera-se pressa em tomar-lhe o braço. Perguntava-se a si mesma Teresa se aquela horrôsa situação seria um sonho. Os nossos olhos muito perto, imensos No desespero desse abraço mudo, Confessaram-se tudo! Os estudantes passavam diante dos examinadores aglomerados, chocando-se uns aos outros como gado saindo em redemoinho da porta do curral.</p> <p>Ouve-se ainda o toque de rebate.</p> <p>Fez-se novo silêncio.</p> <p>As estrelas dirão: - "Ail nada somos, Pois ela se morreu, silente e fria..." Foi-se embora e à passagem, mascando o charuto, mediu Maria Antônia de alto a baixo. Vão-se as situações, e eles com elas.</p>	Gramática Tradicional	<p>1ª) No português antigo e médio usava-se normalmente a passiva pronominal com agente expresso, como ilustra este passo camoniano: Aqui se escreverão novas histórias Por gentes estrangeiras que virão.</p> <p>Na língua moderna evita-se tal prática. Daí soar-nos artificial uma construção como a seguinte: Este verbo, em nossa língua, nunca se usou pelos escritores vernáculos senão como equivalente de amar.</p> <p>2ª) Em frases do tipo: Vendem-se casas. Compram-se móveis. Consideram-se casa e móveis os sujeitos das formas verbais <i>vendem</i> e <i>compram</i>, razão por que na linguagem cuidada se evita deixar o verbo no singular.</p>

Verbos Auxiliares	Verbo	<p>Quanto à FUNÇÃO, o verbo pode ser PRINCIPAL OU AUXILIAR.</p> <p>PRINCIPAL, é o verbo de significação plena, nuclear de uma oração.</p> <p>AUXILIAR é aquele que, desprovido total ou parcialmente da acepção própria, se junta a formas nominais de um verbo principal, constituindo com elas locuções que apresentam matizes significativos especiais.</p> <p>Os AUXILIARES mais comuns são <i>ter</i>, <i>haver</i>, <i>ser</i> e <i>estar</i>, de que apresentamos, adiante, a conjugação completa.</p>	<p>Estudei português.</p> <p>Haverá uma solução para o caso.</p> <p>Comprei um livro.</p> <p>Tenho estudado português.</p> <p>Há de haver uma solução para o caso.</p> <p>Um livro foi comprado por mim.</p>	Gramática Tradicional	
Locução Verbal	Verbo	<p>Os conjuntos formados de um verbo auxiliar com um verbo principal chamam-se LOCUÇÕES VERBAIS. Nas LOCUÇÕES VERBAIS conjuga-se apenas o auxiliar, pois o verbo principal vem sempre numa das formas nominais: no PARTICÍPIO, no GERÚNDIO, ou no INFINITIVO IMPESSOAL.</p> <p>Os AUXILIARES de uso mais freqüente são <i>ter</i>, <i>haver</i>, <i>ser</i> e <i>estar</i></p> <p>Ser emprega-se com o PARTICÍPIO do verbo principal, para formar os tempos da voz passiva de ação:</p> <p>Estar emprega-se com o PARTICÍPIO do verbo principal, para formar tempos da voz passiva de estado:</p> <p>Ficar, além de se juntar ao PARTICÍPIO para formar a voz passiva denotadora de mudança de estado (<i>ficou molhado</i>), emprega-se em outras situações com o gerúndio ou com o infinitivo.</p>	<p>Exercícios foram feitos por mim.</p> <p>Livros serão comprados por nós.</p> <p>Estou arrependido do que fiz.</p> <p>Estamos impressionados com o fato.</p>	Gramática Tradicional	

Mostramos, neste capítulo, os conceitos e exemplos de vozes verbais apresentados pelas quatro gramáticas escolhidas, conforme critério determinado na Introdução, para análise nesta dissertação. No capítulo 3, a seguir, examinaremos tais exemplos e conceitos, demonstrando, à luz da GB, quais deles são inadequados e o porquê de tal inadequação.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo tratará da análise dos dados sobre vozes verbais coletados nas gramáticas escolares de língua portuguesa e discriminados no capítulo 2. Não serão aqui utilizados todos os exemplos trazidos pelo capítulo 2, mas só aqueles de relevância para a argumentação em favor da utilização de uma teoria lingüística como contribuição para um ensino mais eficiente da língua materna.

O desenvolvimento do capítulo, tendo como base a GB, avaliará a validade dos conceitos apresentados pelos manuais analisados e dos capítulos em que estão inseridos, bem como a coerência de seus exemplos para as vozes verbais. Não faremos uma análise de cada gramática em separado, mas agruparemos os dados de acordo com a combinação/semelhança que haja entre eles.

3.1. A Validade dos Conceitos

Em Português - Língua e Literatura, de Abaurre, Pontara e Fadel, doravante identificado como M1 (Manual 1), já começamos encontrando inconsistência no título do capítulo em que estão inseridas as vozes verbais, qual seja *Sintagma Verbal*. Embora esperássemos que a palavra *sintagma* remetesse a uma parte da Sintaxe, não é assim que se apresenta. Na verdade, todo o capítulo está voltado para a Morfologia, e não há qualquer definição, ao menos, da expressão *sintagma verbal*.

Ora, que as vozes verbais tradicionalmente aparecem na Morfologia, porque fazem parte do estudo do verbo, todos sabemos. O que não pode ser admitido, no entanto, é que um manual misture sintaxe e morfologia sem definir uma e outra. A noção de sintagma verbal e/ou nominal, embora não tenha surgido

com Chomsky, foi intensificada pelos seus estudos gerativos de 1957, quando surgiu a Gerativo-Transformacional. O M1, no entanto, não utiliza essa teoria, antes faz uma mistura de GT e de Análise do Discurso; da Gerativa foi retirado apenas o título do capítulo. Na seqüência desse manual, encontraremos um capítulo chamado Sintaxe, em que aparece a definição de agente da passiva.

Observamos, então, que não há coerência no fato de *sintagma verbal* nomear um capítulo que trata de morfologia e de não estar em sintaxe, que é a sua origem. Da mesma forma, nos demais manuais analisados, Novíssima Gramática da Língua Portuguesa, de Domingos Paschoal Cegalla (doravante M2); Português – série brasil, de Faraco e Moura (doravante M3); e Nova Gramática do Português Contemporâneo, de Cunha e Cintra (doravante M4), as vozes verbais aparecem no capítulo sobre Morfologia, e o conceito de agente da passiva é aprofundado em Sintaxe.

3.1.1. Voz Ativa

Em M1, define-se ativa como aquela em que *o processo verbal é visto como ação, atividade ou estado que, no enunciado lingüístico, origina-se no sujeito sintático*. Esse conceito traz um problema, uma vez que caracteriza a voz ativa também como estado, o que é incoerente, porque ação e estado não são sinônimos. Buscando as informações da GB, lembraremos que a voz ativa pressupõe um verbo de ação, com agente e paciente definidos. É o caso, por exemplo, da frase em (59):

(59) João escreveu o texto.

Em (59), o verbo *escrever* projeta dois argumentos, um externo e um interno, os quais exercem, respectivamente, os papéis- θ de agente e de paciente. A representação de seus argumentos e papéis- θ é apresentada em (60):

(60) *escrever*, V+ NP [__NP]
(Ag, P)

Se, como definido por M1, a voz ativa também indica estado, uma sentença como (61) seria um exemplo para esse caso.

(61) João está doente.

Utilizando a Teoria- θ e o Princípio do Projeção para analisar o verbo *estar*, em (61), perceberemos a inconsistência do conceito apresentado pelo manual em análise. O verbo *estar* é uma cópula, o que, por si só, já inviabilizaria a voz ativa, e não projeta um argumento interno, um NP, mas um AP, ou seja, um sintagma adjetival. O AP jamais será, portanto, paciente, e o NP sujeito tampouco será agente. Como dizer, então, que a voz ativa indica estado?

M2, M3 e M4 caracterizam a voz ativa como aquela em que *o sujeito é agente, isto é, faz a ação expressa pelo verbo*, o que é coerente com o que indica a GB. Se o sujeito é o agente, o verbo será agentivo, portanto, e o seu NP complemento será paciente. Ou seja, essa definição não viola nem o Critério- θ nem o Princípio da Projeção, mantendo-se em sintonia com os princípios que regem a UG.

3.1.2. Voz Passiva, Agente da Passiva, Verbos Auxiliares e Locução Verbal

M1 define a voz passiva como aquela em que

*o sujeito é paciente do processo expresso pelo verbo. (...) pode ocorrer com alguns verbos, apenas (os transitivos diretos, que sintaticamente tomam por complemento objetos diretos), e pode ser analítica (expressa através de uma locução verbal formada pelo verbo **ser** + **particípio passado** do verbo principal) ou pronominal (formada pelo acréscimo do*

pronome pessoal se, na função de partícula apassivadora, a uma forma verbal de terceira pessoa). (p. 138)

Observemos que essa definição torna-se incoerente em relação à de ativa, uma vez que, para que haja passiva, a ativa é necessária.

O problema reside no fato de que, se o sujeito da passiva é paciente, implica, na ativa, um verbo agentivo, como *escrever*, em (60), segundo descrição apresentada em 3.1.1, descartando, portanto, a possibilidade de a voz ativa indicar estado, como preceitua M1. E esse preceito é também negado quando o manual diz que apenas verbos transitivos diretos geram passiva, o que, de certa forma, coincide com a indicação da GB de que um NP sujeito e um NP objeto são necessários para gerar a passiva. Reforçamos, portanto, a incoerência do conceito de voz ativa apresentado por M1, e, no caso do de passiva, aceitamo-lo em parte. Por quê?

Dissemos, no parágrafo anterior, que a afirmação sobre o fato de apenas os verbos transitivos diretos gerarem passiva coincidia em parte com o que apresenta a GB. Isso se justifica porque não há, em M1, referência à exigência de que o VTD⁴² seja de ação. Assim, difícil será explicar aos alunos por que não é possível fazer a voz passiva de verbos como *ter*, em (62).

(62) a. Maria tem um belo vestido vermelho.

b. * Um belo vestido vermelho é tido por Maria.

Seguindo apenas a explicação de M1, poderíamos considerar (62b) gramatical, uma vez que o verbo é transitivo direto. Teríamos de entender, então, que o NP “um belo vestido” é sujeito paciente e que o PP “por Maria” é o agente da passiva do verbo *ter*. Se analisarmos (62a) através da ótica da GB, poderemos explicar facilmente a agramaticalidade de (62b).

⁴² Verbo transitivo direto

De acordo com o Critério- θ , em (62a), o NP “Maria” é experienciador, e não agente, o que descaracteriza *ter* como um verbo agentivo e inviabiliza, portanto, a transformação em (62b). Daí se conclui que a informação de M1 sobre os verbos geradores de passiva está incompleta, o que levará, fatalmente, os alunos – e professores menos experientes – a uma compreensão falsa do que seja a voz passiva. Aceitar-se-á qualquer frase com auxiliar *ser* mais participio como voz passiva e qualquer PP com a preposição *por* como agente da passiva.

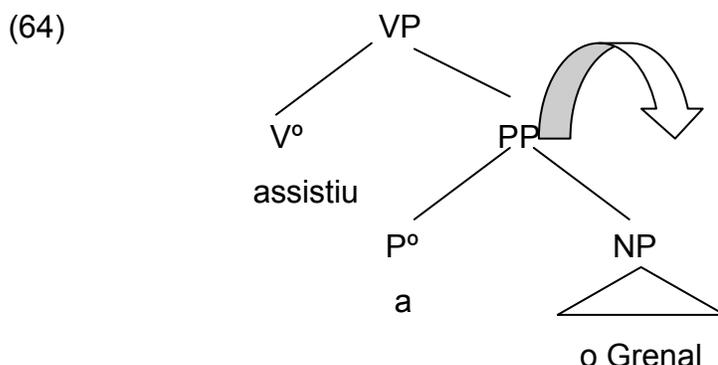
Curiosamente, M2 e M4, referência em manuais de Língua Portuguesa no Brasil, comentem o mesmo equívoco na indicação dos verbos que podem ser apassivados. M2 ensina que *só verbos transitivos podem ser usados na voz passiva*. Assim, poderemos considerar que também os transitivos indiretos geram passiva, e uma sentença como em (63b) seria considerada gramatical.

(63b) a. A torcida colorada assistiu ao Grenal⁴³.

b. *O Grenal foi assistido pela torcida colorada.

Embora de largo emprego na linguagem coloquial, e mesmo na jornalística, a estrutura de (63b) não é gramatical, pois transforma o PP objeto indireto “ao Grenal” em NP, o que não é possível segundo a GB. Quem rege o NP “o Grenal” é a preposição “a”, que não pode, portanto, ser eliminada. A representação do VP de (63a) na árvore demonstra claramente essa regência.

⁴³Embora haja um movimento, na oralidade, para a supressão da preposição de verbos como *assistir*, optamos por utilizá-lo porque a GT o classifica, na acepção de *ver*, como VTI. E com essa regência ele será cobrado de alunos e daqueles que enfrentam concursos para cargos públicos e/ou privados.



Além disso, se levarmos em conta a Teoria do Caso, veremos que os PPs regem Caso Oblíquo, e não Acusativo, que é o regido pelos verbos transitivos diretos. E, do ponto de vista da Teoria- θ , “ao Grenal” exerce o papel- θ de alvo, e não de paciente do verbo *assistir*. Assim, mais uma vez a GB demonstra-nos porque a informação dada por M2 é incompleta.

Já M4 explica a transformação de uma oração ativa em passiva, dizendo que

quando uma oração contém um verbo com objeto direto, ela pode assumir a forma passiva, mediante as seguintes transformações: o objeto direto passa a ser sujeito da passiva; o verbo passa à forma passiva analítica do mesmo tempo e modo; o sujeito converte-se em agente da passiva. (p. 156-7)

Aqui, apesar de haver a informação de que o verbo precisa de objeto direto, novamente não há a indicação de que deva ser agente⁴⁴.

Em 3.2, quando analisaremos os exemplos apresentados por esses manuais, veremos como a inadequação de tais conceitos se refletirá nas sentenças dadas como voz ativa e/ou passiva. A análise que estamos

⁴⁴Obviamente, nossa afirmação pode ser contestada por alguns estudiosos, alegando que os professores sabem que apenas os VTD geram passiva e que, portanto, não cometeriam tal engano. A isso responderemos dizendo que apenas os mais experientes e bem intencionados sabem disso – e poucos, que os VTD precisam ser de ação - e preocupam-se em estudar os conceitos apresentados pelos manuais escolares antes de transmiti-los a seus alunos.

desenvolvendo até aqui indicará que tais exemplos mais confundirão alunos e professores do que elucidarão as dúvidas geradas pelas definições.

No que se refere à classificação dos tipos de passiva, encontraremos também inconsistências nas informações apresentadas pelos manuais em análise. Observemos o que nos diz M1:

(...) e pode ser analítica (expressa através de uma locução verbal formada pelo verbo **ser + particípio passado** do verbo principal) ou pronominal (formada pelo acréscimo do pronome pessoal **se**, na função de **partícula apassivadora**, a uma forma verbal de terceira pessoa).

Quanto à passiva analítica, embora o conceito seja reduzido, não há problemas maiores; no entanto, em relação à pronominal, a explicação é incompleta. Quando M1 informa que a passiva pronominal é formada pelo acréscimo de pronome pessoal *se* a uma forma verbal de terceira pessoa, omite, mais uma vez, as condições para que isso aconteça, ou seja, de que tipo deve ser essa *forma verbal* – se um VTD ou um VTI⁴⁵, por exemplo. Como vimos anteriormente, essa informação é essencial para a compreensão do funcionamento da voz passiva.

Os demais manuais explicam quase da mesma forma de M1 a classificação da voz passiva. M2, porém, ao se referir à passiva pronominal, diz que ela se forma *com o pronome apassivador se associado a um verbo ativo da 3ª pessoa*. Ou seja, faz referência ao fato de que o verbo tem de ser de ação. Isso, no entanto, não tornará o conceito mais esclarecedor porque ainda faltam dados para a compreensão adequada de como funciona essa passiva.

M3 indica que a voz passiva sintética⁴⁶ é a *com pronome apassivador e verbos transitivos diretos*, embora não defina, nem cite, o *pronome apassivador*, o que poderá ser depreendido apenas a partir dos poucos exemplos dados. Já M4 nomeia o pronome apassivador – *se* – e acrescenta que a *terceira pessoa verbal*,

⁴⁵ Verbo transitivo indireto

singular ou plural, deverá estar em concordância com o sujeito. Em ambos os manuais, no entanto, não há informação alguma sobre o tipo de VTD a ser utilizado.

Essas definições de passiva pronominal poderiam levar-nos a considerar (65) uma passiva pronominal.

(65) Passam-se os tempos.

Baseando-nos em M1, M2 e M4, verificaremos que a sentença apresenta uma forma verbal de terceira pessoa que concorda com o sujeito, um verbo ativo, segundo classificação da GT, e o pronome *se*. Como, nesses manuais, não se disse que o verbo teria de ser VTD, aceitam-se as demais condições como características de passiva pronominal. Ao analisarmos tal oração à luz da GB, mostraremos que esse não é uma caso de passiva, mas de voz média.

O verbo *passar* indica ação (na classificação da GT), mas não é transitivo direto e não apresenta, segundo a Teoria- θ , um NP sujeito agente e um NP objeto paciente, condições básicas para a formação das passivas. Antes disso, *passar* é um VI⁴⁷; projeta apenas um argumento externo, o que inviabiliza a classificação de (65) como passiva pronominal. Em (66), temos a estrutura argumental desse verbo.

(66) *passar*, V + NP []

Para caracterizar essa sentença como voz média, valemo-nos da *subject affectedness*⁴⁸, ou seja, do fato de que a ação ou estado afeta o sujeito do verbo ou seus interesses (Lyons, 1969)⁴⁹. *Passar* pode ser incluído em uma das

⁴⁶ O manual utiliza-se desta nomenclatura.

⁴⁷ Verbo intransitivo

⁴⁸ Já descrita em 1.5.

⁴⁹ *Apud* KEMMER (1993)

categorias descritas por Kemmer (1993) como *situation types*⁵⁰, a dos verbos que denotam eventos espontâneos, na qual estão *crescer, germinar, brotar*. Assim, em (66), o NP sujeito não pratica nem sofre a ação, mas é afetado por ela, e o pronome se é apenas um expletivo, o que caracteriza um caso de voz média.

Já, em relação à passiva analítica, dissemos que não havia problemas maiores porque segue a explicação padrão de verbo *ser* + *particípio passado* do verbo principal, embora nem sempre o auxiliar seja o *ser*. Entretanto, se formos buscar informações sobre verbos auxiliares e locuções verbais, poderemos encontrar algumas inconsistências nesses conceitos, especialmente nos exemplos apresentados para locuções verbais.

Em M1, por exemplo, encontramos a definição de que auxiliares são *aqueles utilizados juntamente com outros verbos para a formação dos **tempos compostos** e das **locuções verbais*** Os mais freqüentes são *ter, haver, ser, estar*. *Funcionam também como auxiliares, em construções perifrásticas, verbos como ir, vir, andar, poder, querer, precisar, mandar, etc.* Não há, na seqüência do capítulo, qualquer explicação sobre o que são, por exemplo, *construções perifrásticas*.

Essas construções, as perifrásticas, são a combinação de um verbo auxiliar e de um principal – em uma de suas formas nominais – que pode ser substituída por uma forma simples. É o caso, por exemplo, de *estou escrevendo*, em que *estar* é o verbo auxiliar e carrega as desinências modo-temporal e número-pessoal, e *escrever* é o verbo principal em sua forma nominal – gerúndio -, fornecendo a significação verbal. Essa combinação pode ser substituída pela forma simples *escrevo* sem que isso provoque alteração de significado.

Pois bem, quando M1 caracteriza como auxiliares em construções perifrásticas verbos como *precisar* entra em contradição com a definição de

⁵⁰ Também descritas em 1.5.

construção perifrástica porque esse verbo não é auxiliar. Como define Haegeman (2004), auxiliares são verbos que não projetam argumentos internos, como *estar*, por exemplo, mas esse não é o caso de *precisar*. Em *precisamos vencer* (exemplo apresentado por M1), não é possível substituir a construção por uma forma simples, e isso acontece porque o verbo *precisar* não é auxiliar, como podemos observar através de sua estrutura argumental em (67).

(67) *precisar*, V + NP [___ + IP]

A estrutura argumental em (68) representa o emprego do verbo na frase *precisamos vencer*, em que a oração infinitiva *vencer* é o argumento interno de *precisar*. Na GT, classificaríamos a reduzida de infinitiva como uma oração subordinada substantiva objetiva indireta, o que reforça a idéia de que o exemplo dado por M1 não é uma locução verbal.⁵¹

Em M2, encontraremos a definição de que *os verbos auxiliares juntam-se a uma forma nominal de outro verbo para constituir a voz passiva, os tempos compostos e as locuções verbais*, estas que diz serem também chamadas de *conjugação perifrástica*. Dentre os exemplos apresentados, está *Sandra veio correndo: o namorado acabara de chegar*, em que *veio correndo* é considerada uma locução verbal. É o mesmo equívoco que comete M1 com *precisamos vencer* porque não podemos substituir *veio correndo* por uma forma simples sem que haja mudança de significado.

(68) Sandra correu: o namorado acabara de chegar.

⁵¹ Sobre essas construções, poderiam os autores dos manuais ter consultado Mattoso Câmara Jr., tão difundido entre os seguidores da GT, no seu Dicionário de Lingüística e Gramática (1986): *É má técnica de descrição gramatical considerar formas perifrásticas a combinação de dois verbos numa única oração em que ambos guardam a sua significação verbal e a significação total é uma das duas significações (ex.: quero sair – vamos conversando até a casa – já tenho uma carta escrita, etc.) e não houve a gramaticalização do primeiro verbo.* (p. 80-1)

Observamos que a oração *Sandra correu* não mantém o significado original, porque Sandra pode ter fugido do namorado, corrido para ele, ou ainda corrido para esconder o amante. Isso acontece porque, nesse caso, *vir* não é verbo auxiliar, mas um VI que projeta um argumento externo, não podendo, portanto, ser eliminado da sentença. O verbo *correr*, em sua forma nominal, está indicando o modo como Sandra veio. Se houvesse, na NGB⁵², a classificação de oração subordinada adverbial de modo, este seria o caso de *correndo* no exemplo dado por M2.

M4, nas observações que agrega à transformação da oração ativa em passiva, apresenta também como verbos auxiliares que podem formar passiva *ir* e *vir*⁵³. Se tomarmos um dos exemplos apresentados pelo manual – *os pais vinham acompanhados dos filhos* –, concordaremos que é um caso de passiva e que a ativa correspondente seria *os filhos acompanhavam os pais*. No entanto, se o aluno, a partir dos conceitos dados, tiver de analisar uma frase como *os pais vinham cansados*, poderá considerá-la passiva porque acredita que ela tem um verbo auxiliar – *vir* – e o particípio do verbo principal – *cansados* –, o que não se verifica nesse caso.

Seguindo a GB, veremos que *vir* é o verbo principal e que *cansados* é um sintagma adjetival, como representado abaixo.

(69) [_{IP} [_{NP} os pais][_{I'} +T+Agr[_{VP}[_V vinham [_{AP} cansados]]]]]

Na GT, *vinham cansados* caracteriza um caso de predicado verbo-nominal, como *chegaram atrasados*, por exemplo. As duas orações têm a mesma representação de VP, que apresenta dois núcleos, um VI e um AP. A GT costuma separar o VP em duas orações – uma com predicado verbal e outra com

⁵² Norma Gramatical Brasileira

⁵³ Quando define verbos auxiliares, M4 explica, em nota de rodapé, que não há uniformidade de critério lingüístico para a determinação dos limites da auxiliaridade e sugere leitura de alguns teóricos da Gerativa, como Raposo, por exemplo, mas esse é o único momento em que reconhece a existência de uma teoria lingüística.

predicado nominal – para que se perceba a importância dos dois núcleos. Assim, *os pais vinham cansados* transformar-se-ia em *os pais vinham* e em *os pais estavam cansados*; e *chegaram atrasados*, em *chegaram* e em *estavam atrasados*.

Ainda em relação à passiva analítica, M4, ao caracterizar os verbos *ser*, *estar* e *ficar* como auxiliares, classifica-a em três tipos: *voz passiva de ação*, *voz passiva de estado* e *voz passiva denotadora de mudança de estado*. A de ação – *exercícios foram feitos por mim* – seria a correspondente à transformação de uma estrutura ativa; a de estado e a de mudança de estado não teriam correspondentes na ativa – *estou arrependido do que fiz* e *ficou molhado*⁵⁴. No entanto, percebemos claramente que os últimos dois casos pertencem à voz média, uma vez que o sujeito das orações é afetado, respectivamente, pela ação de *arrepender-se* e pelo estado de *molhado*.

Quanto ao conceito de agente da passiva, os quatro manuais concordam que é o *ser que pratica a ação na voz passiva*, o que, em M1, se tornará incoerente em relação à afirmação que faz sobre o fato de a voz ativa também indicar estado. Ora, como haverá um agente da passiva se a ativa indica estado? Demonstramos, em (61), que isso não é possível. A inadequação das definições anteriores dadas por M1 trará problemas nos exemplos de agente da passiva, como em (70):

(70) *Ela é uma pessoa muito querida de (por) todos os colegas.*

De (por) todos os colegas é considerado o agente da passiva dessa sentença. No entanto, já se vislumbra um problema: o verbo principal é uma cópula, o que inviabiliza a voz passiva, uma vez que não é de ação, nem tem argumentos externo e interno agente e paciente. Se não temos voz passiva, não teremos agente da passiva.

Se, porém, tentássemos admitir a possibilidade de essa ser uma passiva, já que assim a apresenta o manual, não conseguiríamos levar adiante tal intento, porque contraria as teorias da GB discutidas neste trabalho. Em (71), apresentamos o que seria a voz ativa – se houvesse – de (70). Para tanto, consideraremos o verbo *ser* como auxiliar, dispensando-o, portanto, na voz ativa.

(71) * Todos os colegas a querem uma pessoa muito.

Notamos, em (71), a violação do Critério- θ porque há dois argumentos internos ocupando a mesma posição. Além disso, o verbo *querer*, na acepção com que foi empregado, é VTI, ou seja, exigiria um PP como seu complemento, e não um NP. Ora, como já afirmamos nos itens analisados durante este capítulo, apenas verbos agentivos geram passiva porque subcategorizam NPs nas posições de agente e de paciente. Assim, duas fortes evidências, oriundas da GB, indicam-nos não ser essa uma passiva: a cópula como verbo principal, e não como auxiliar, e a violação do Critério- θ .

Como classificaríamos, então, o PP *por todos os colegas*? É apenas uma *by-phrase*, ou seja, um sintagma que tem como núcleo a preposição *por*, sendo sua estrutura representada em (72):

(72) [_{PP}[_p *por* [_{NP} todos os colegas]]]

Não houve, portanto, movimento de passiva em (70), como poderia ser deduzido a partir da conceituação dada por M1. O período apresentado é apenas um caso de predicação. Observemos a representação da D-S de (70) em (73):

⁵⁴ Utilizamos os verbos deste período no futuro do pretérito porque supomos que essa seja a explicação a ser dada para tais tipos de vozes.

(73) [IP[NP ela][I' +T+Agr[VP[V é[NP uma pessoa muito querida][PP[p por[NP todos os colegas]]]]]]]]

Em uma análise da GT, essa *by-phrase* é, na verdade, um complemento nominal do adjetivo *querida*, e não um agente da passiva.

Em M2, são apresentados alguns exemplos que não envolvem verbos de ação, como *estimar* e *conhecer*. Em Kemmer (1993), encontraremos as categorias em que esses verbos podem ser incluídos, quais sejam a dos verbos de emoção – *emotion verbs* – e a dos verbos de conhecimento – *cognition verbs*. Esses verbos pertencem ao domínio do que a autora chama de eventos mentais – *mental events* –, que pressupõem dois participantes, mas não um agente e um paciente. Em (74), temos duas das sentenças dadas como exemplo para agente da passiva.

(74) a. *Alfredo é estimado pelos colegas.*

b. *Era conhecida de todo mundo a fama de suas riquezas.*

Partindo do Critério- θ , podemos observar, em (74a), que o NP sujeito é experienciador, e não paciente. Em (74b), o NP *a fama de suas riquezas* é tema, e não paciente. Assim, tais sentenças não são passivas, e as *by-phrases* que trazem não são agentes da passiva. Temos, mais uma vez, um caso de voz média, e os PPs de (74a) e de (74b) são os outros participantes dos *mental events*.

Também M4 apresenta alguns exemplos com *emotion verbs*, como é o caso de *ele dela é ignorado* e *Mariana era apreciada por todos quantos iam a nossa casa, homens e senhoras*, em que *dela* e *por todos quantos iam a nossa casa* são considerados agentes da passiva. Em ambas as orações, o NP sujeito é experienciador, e não paciente. Além dessas sentenças, há uma outra que tem

como núcleo uma cópula, não sendo, portanto, uma passiva. Apresentamo-la em (75):

(75) *Ela para ele é ninguém.*

Para ele é dado como agente da passiva de uma estrutura que não é passiva. Temos aqui, como em (70), um caso de predicação, em que *ninguém* é um sintagma adjetival de *Ela*, o NP sujeito. M1 confundiu-se em (70) porque havia uma forma de particípio – *querida* – na sentença, o que não justifica o engano, mas explica-o; M4, no entanto, utiliza-se de uma oração que não tem uma forma de particípio, o que torna mais grave o seu equívoco. Como ficam alunos e professores que vão buscar tais manuais para elucidar suas dúvidas? Podemos supor que esses problemas geradores de dúvidas maiores se refletirão na expressão escrita de uns e de outros.

3.1.3. Voz Reflexiva e Voz Média

No que se refere à voz reflexiva, M1, M2 e M3 definem-na como a em que *o sujeito é ao mesmo tempo agente e paciente do processo expresso pelo verbo*. M2, no entanto, acrescenta a esse conceito o de uma variante *que denota reciprocidade, ação mútua ou correspondida, cujos verbos, por alguns chamados recíprocos, usam-se, geralmente, no plural e podem ser reforçados pelas expressões ‘um ao outro’, ‘reciprocamente’, mutuamente*. Já os exemplos apresentados por esses três manuais misturam voz reflexiva e voz média, sem que haja referência a esta última.⁵⁵

Em M4, há a informação de que *se exprime a VOZ REFLEXIVA juntando-se às formas verbais da voz ativa os pronomes oblíquos me, te, nos, vos e se (singular e plural)*. Nada mais foi acrescentado, a não ser exemplos, todos com o

mesmo verbo, com cada um dos pronomes oblíquos citados. Esse conceito mostra-se incompleto porque, como já vimos na passiva pronominal, não basta apenas se juntar um pronome oblíquo a um verbo ativo para que se tenha voz reflexiva. Se assim fosse, a sentença em (76) poderia ser considerada reflexiva:

(76) *Vai-se a primeira pomba despertada*⁵⁶

O verbo de (76) é ativo e acrescentou-se a ele o pronome oblíquo *se*, mas esse não é um caso de voz reflexiva porque o pronome, aí, é apenas um expletivo. Se o eliminarmos, a oração manterá o mesmo significado, e, além disso, *ir* é VI, projetando apenas argumento externo, o que impede a classificação de (76) como voz reflexiva.

Em M2 e M4, quem quiser ter um conceito de reflexiva mais detalhado poderá valer-se do capítulo que trata do emprego de *se*, em que os autores explicam a sua utilização como reflexivo. Isso não garante, no entanto, a eficiência da explicação, pois, como já dissemos, os exemplos misturam voz reflexiva e voz média. Já, em M1, não encontramos capítulo algum que trate do emprego de *se*, restando ao leitor somente os exemplos – no mais das vezes inadequados – para que tente compreender o funcionamento dessa voz verbal.

Quanto à voz média, nenhum dos manuais em análise define-a, ainda que sentenças nessa voz estejam presentes numa boa parte dos exemplos que são dados como voz passiva ou reflexiva. Encontramos, apenas, nas observações que M2 traz no final da seção sobre vozes verbais, a informação de que *aos verbos que não são ativos nem passivos ou reflexivos, alguns gramáticos chamam neutros*; e exemplifica tal situação com as orações *o vinho é bom* e *aqui chove muito*.

⁵⁵ Em 3.2, analisaremos especificamente os exemplos dados às vozes verbais; os que até aqui foram analisados pertenciam às demais estruturas envolvidas na sua construção, quais sejam os verbos auxiliares, o agente da passiva e as locuções verbais.

⁵⁶ As Pombas, Raimundo Corrêa.

3.2. A Coerência dos Exemplos

3.2.1. Voz Ativa

Em (77), temos o único exemplo dado por M1 para a voz ativa, o qual apresenta uma estrutura mais complexa do que apenas a de ativa.

(77) *Os nômades atravessam o deserto montados em seus cavalos.*

A sentença em (77) apresenta, na verdade, um VP composto de um VTD e de um AP, o que pode levar os alunos a acreditarem que, pela presença do particípio de *montar*, a oração é passiva, e não ativa. Se observarmos a representação dessa oração, em (78), perceberemos as relações dentro do VP.

(78) [IP[NP_{Os nômades}][I' +T+Agr[v_{atravessam} [NP_{o deserto}][AP[A_{montados}][PP[P_{em} [NP_{seus cavalos}]]]]]]

Na GT, essa estrutura, assim como a de (69), é classificada como predicado verbo-nominal. Há, inclusive, a indicação para que se perceba a ligação de duas orações – uma com predicado verbal e outra com predicado nominal – na formação do predicado verbo-nominal. Assim, teríamos *os nômades atravessam o deserto* e *os nômades estão montados em seus cavalos*, o que caracterizaria um problema para análise.

Alguém poderia contestar essa classificação, indicando *montados em seus cavalos* como um adjunto adverbial de modo, ainda através da GT, mas isso não alteraria o fato de que tal estrutura é complexa e não encerra apenas um caso de ativa. *Montados em seus cavalos*, nesse caso, seria uma oração subordinada adverbial reduzida (de particípio) de modo, se houvesse tal designação na NGB.

O que está posto aqui é a complexidade da estrutura, uma vez que apenas os *nômades atravessam o deserto* pertence à voz ativa.

Em M2, há três exemplos para a voz ativa; dois deles contemplam a presença de um verbo agentivo – agente, ação, paciente –; um, porém, apresenta sujeito que não é agente. Em (79), transcrevemos a sentença que não está adequada às características da voz ativa.

(79) *O vento agitava as águas.*

Nesse caso, de acordo com o Critério- θ , *o vento* é fonte, e não agente. Então, apesar de *agitar* ser um verbo de ação, segundo a GT, e de subcategorizar um argumento externo e um interno, (79) não caracteriza um caso de ativa. Antes, de acordo com a classificação dada por Kemmer (1993), *agitar* é um verbo que indica um evento espontâneo, ou seja, processo físico que ocorre sem a direta intervenção de um agente humano. Temos, mais uma vez, um caso de voz média, e a estrutura argumental de *agitar* é representada em (80):

(80) *agitar*, V +NP [___ NP]
(Fo⁵⁷, Exp⁵⁸)

Já, em M3, o único exemplo dado obedece ao Critério- θ e ao Princípio da Projeção, pois apresenta um verbo de ação que subcategoriza um argumento externo agente e um interno paciente. Tal verbo é, inclusive, utilizado nos exemplos de passiva e de reflexiva, o que indica que não houve aprofundamento nos conceitos e nas exemplificações. Aliás, esse manual trabalha basicamente com literatura e acrescenta, ao final, um capítulo que chama de Apêndice Gramatical, no qual se encontram, de forma resumida, as regras da GT. No entanto, é melhor um exemplo eficiente do que vários com problemas. Em (81), apresentamos o exemplo dado por M3:

⁵⁷ Fonte

⁵⁸ Experienciador

(81) *Bernardo feriu o colega.*

A estrutura argumental de *ferir* é representada em (82):

(82) *ferir*, V +NP [___NP]
(Ag, Pac)

M4 traz dois exemplos de voz ativa, um deles com o verbo *ferir*, o mesmo de M1, o que, portanto, dispensa comentários, e outro com o verbo *ver*. Mais uma vez, temos um caso de verbo que não indica ação, mas um evento mental. Kemmer (1993) incluiu-o naqueles de percepção em que o experienciador é concebido e marcado como o iniciador. Em (83), apresentamos a sentença com *ver* dada por M4.

(83) *Não vejo rosas neste jardim.*

O NP *eu*, que está elíptico, não é agente porque *ver* não implica movimento, e o NP *rosas* não é paciente, mas tema. Observemos como o Critério- θ esclarece situações que, se apoiadas apenas na GT, pareceriam muito complicadas e difíceis de explicar. Assim, tal sentença não cabe como um exemplo de voz ativa.

3.2.2. Voz Passiva

M1 apresenta dois exemplos para a voz passiva que contemplam as condições de passivização já descritas neste trabalho. As sentenças são *a maçã foi devorada pela criança faminta*, para voz passiva analítica, e *procuram-se operários especializados*, para a passiva pronominal. Apesar dos problemas nos conceitos das vozes ativa e passiva e num dos exemplos dados para agente da

passiva, descritos na seção 3.1.2, este manual não peca na exemplificação das passivas.

M2, no entanto, continua utilizando verbos que correspondem à voz média, e não à passiva. Apresenta oito sentenças indicadas como passiva, mas três delas não pertencem a essa voz verbal. Uma delas é a transformação da frase com *agitar*, considerada ativa pelo manual: *as águas eram agitadas pelo vento*. Nesse caso, o NP *as águas* é experienciador, e o PP *pelo vento* é a fonte, ou seja, não temos sujeito paciente nem agente da passiva. O exemplo, portanto, é inadequado.

O segundo caso é o da sentença *o homem é afligido pelas doenças*, em que, mais uma vez, o NP *o homem* não é paciente, mas experienciador, e o PP *pelas doenças* não é agente, mas fonte. A justificativa para essa análise encontra-se no fato de que *afligir* insere-se no domínio dos *emotion verbs* (Kemmer, 1993), em que o experienciador está mais envolvido em uma atividade emocional ou estado do que em simples atividades de pensamento ou percepção. Além disso, essas emoções são freqüentemente acompanhadas de mudanças na expressão facial e nos processos físicos, o que pode ser aplicado ao efeito das doenças no ser humano. Assim, *o homem é afligido pelas doenças* não é um caso de passiva, mas de voz média.

O terceiro exemplo inadequado é com o verbo *ver*, cuja utilização já foi descrita a partir de (84), em 3.2.1. A sentença apresentada por M2 está transcrita em (84).

(84) *Dos conveses dos navios seriam vistas torres de petróleo em todo o litoral.*

Neste exemplo, diferentemente de em (83), temos um experienciador indeterminado, já que não há uma by-phrase indicando por quem seriam vistas as torres, embora se suponha que pelas pessoas dos navios. A inadequação, no

entanto, está no fato de *ver* ser um verbo de percepção, e não de ação, o que o descaracteriza como gerador de passiva.

M4 transforma, com algumas modificações, as frases que deu como voz ativa naquilo que chama de passiva. Em (85), transcrevemos essas sentenças:

- (85) a. *Pedro foi ferido por João.*
 b. *Não se vê (=é vista) uma rosa no jardim.*
 c. *Não se vêem (=são vistas) rosas no jardim.*

Obviamente, consideraremos (85a) um exemplo de passiva, uma vez que obedece ao que preceituam o Critério- θ e o Princípio da Projeção. Já (85b,c) não podem ser aceitas como passiva porque, mais uma vez, a utilização de um verbo de percepção inviabiliza essa classificação. Então, dos três exemplos trazidos por M4, apenas um é válido, o que, naturalmente, será traduzido em problemas na sala de aula.

3.2.3. Voz Reflexiva

Apesar de os exemplos de voz ativa e de passiva contidos nos manuais em análise apresentarem uma série de problemas, é nos de voz reflexiva que encontraremos as maiores inconsistências e o maior número de casos de voz média. Em (86) discriminaremos algumas dessas orações que não pertencem à voz reflexiva, indicando, entre parênteses, a que manual pertencem, e as analisaremos em bloco, uma vez que as situações são semelhantes.

- (86) a. *Depois das denúncias de corrupção, o governador demitiu-se de suas funções.* (M1)
 b. *A menina penteou-se.* (M2)
 c. *Consideras-te aprovado?* (M2)

- d. *Fazia meses que não se viam.* (M2)
- e. *Se você está doente, trate-se.* (M2)
- f. *Classes sociais arrogam-se (a si mesmas) direitos que a lei lhes nega.*
(M2)
- g. *Os nossos olhos muito perto, imensos/ No desespero desse abraço mudo,/ Confessaram-se tudo.* (M4)

Em M1, encontramos apenas um exemplo para voz reflexiva, já em M2 e M4, especialmente em M2, as frases dadas como reflexivas são várias e a maioria tem problemas⁵⁹. Escolhemos apenas algumas delas porque os casos se repetem, sendo desnecessário, portanto, analisá-los individualmente.

As orações de (86) podem ser reunidas de acordo com o grupo a que pertencem os verbos nelas empregados. Para efeito de organização e para evitar repetição de informações e conceitos, elas serão agrupadas, conforme a denominação dada por Kemmer (1993)⁶⁰, em (87):

- (87) a. verbos de discurso
- b. verbos de cuidados corporais
- c. verbos de conhecimento/cognição
- d. verbos de reciprocidade
- e. verbos de benefício próprio

Todos esses tipos pertencem aos *mental events*, que pressupõem não um agente, mas um experienciador. Em (87a), incluiremos os verbos *demitir-se* e *arrogar-se*, de (87a,f), porque o tipo de ação que designam não é especificamente a fala, mas um processo mental que a envolve. Dessa forma, o seu NP sujeito é afetado pelo que eles expressam, contrariando, portanto, o conceito de que, na voz reflexiva, o sujeito é ao mesmo tempo agente e paciente.

⁵⁹ Algumas foram retiradas dos exemplos dados para o emprego do *se* como reflexivo.

Pentear-se, em (87b), pertence ao grupo dos verbos que dizem respeito aos cuidados corporais, em que a situação por eles representada não extrapola o corpo do indivíduo; parte dele e fica nele. São normalmente tratados como reflexivos, mas não o são: semanticamente indicam reflexividade, mas sintaticamente não. Kemmer (1993, p.46) bem explica essa relação:

Experienciadores em eventos mentais são como Agentes em certo aspecto (...) Línguas muitas vezes não distinguem entre os dois propósitos da marca reflexiva. Eventos mentais de dois participantes como 'ver' (percepção) e 'amar' (emoção), de fato, freqüentemente tornam-se nas gramáticas exemplos básicos de como formar uma construção reflexiva. Por essa razão, a permissão de ambos Agente e Experienciador como regras para o antecedente em construções reflexivas.

O que se percebe, portanto, é uma interface sintaxe-semântica, que é ignorada nos manuais aqui analisados. Provavelmente seja essa a causa de tantos exemplos inadequados.

Em (87c), encontramos um dos verbos denominados por Kemmer (1993) de conhecimento/ cognição – *considerar-se* –, que também não redundará em voz reflexiva. Designa apenas o processo do pensamento, sem que haja qualquer ação ligada a ele. *Ver-se*, em (87d), e *tratar-se* (87e), indicam, respectivamente, reciprocidade e benefício próprio e, embora representem um contexto semântico de reflexividade, como os demais aqui analisados, não serão sintaticamente reflexivos. Então, aquilo que M2 considera uma variante, com o exemplo de (86d), é, na verdade, um caso de voz média.

Confessar-se, em (87g), apesar de pertencer aos verbos do discurso, será incluído nos de reciprocidade, porque a oração em que está aceita a substituição por *um ao outro*, o que garante a reciprocidade, mas não reflexividade. Os verbos

⁶⁰ Em inglês, são denominados, respectivamente, *emotive speech actions*, *grooming verbs*, *cognition verb*, *naturally reciprocal events* e *self-benefactive verbs*.

do discurso indicam mais uma intenção do que uma ação, e isso não gera voz reflexiva.

Todos as sentenças de (87), portanto, não são exemplos de voz reflexiva, mas de voz média, e o pronome oblíquo que carregam é apenas um anafórico, como podemos observar na derivação de (87a,f), por exemplo:

- (88) a. [_{IP}[_{NP} o governador_i][_{I'} +T+Agr[_{VP}[_V demitiu[_{NP} se_i]]]]]
 b. [_{IP}[_{NP} classes sociais_i][_{I'} +T+Agr[_{VP}[_V arrogam[_{NP} se_i]]]]]

Como o *se* está na mesma oração de seu antecedente, a coindexação indica a anáfora, obedecendo ao Princípio A da Teoria da Ligação. Os NPs *o governador* e *classes sociais* são os sujeitos de (88a,b), respectivamente, porque a Infl [+Agr] rege Caso Nominativo; não exercem, porém, pelas razões que já explicamos anteriormente, o papel- θ de Agente. As evidências aqui apresentadas indicam que o PB é uma língua também dotada de Voz Média e que a desconsideração de sua existência acaba prejudicando a forma como nossas gramáticas tratam das vozes verbais.

CONCLUSÃO

A partir dos dados que coletamos e da análise que fizemos, chegamos a algumas conclusões que tanto podem ser negativas quanto alvissareiras. Porém, tanto umas como outras nos dão a certeza de que é possível explicar fenômenos lingüísticos aparentemente inexplicáveis através da utilização de uma teoria que os fundamente.

As perguntas que fizemos na introdução têm uma resposta clara e coerente na GB. Repeti-las-emos aqui para maior clareza:

- (i) Por que uma sentença como *O vento agitava as águas* não pertence à Voz Ativa se assim indica a Gramática Tradicional?
- (ii) Por que *Depois das denúncias de corrupção, o governador demitiu-se de suas funções* não é Voz Reflexiva se assim indica a Gramática Tradicional?

De acordo com a Teoria- θ , o NP sujeito das duas orações não é agente, mas, respectivamente, fonte e experienciador, o que torna sua classificação em voz ativa e reflexiva, respectivamente, inadequada. E por quê? O conceito apresentado tanto para voz ativa quanto para a reflexiva pressupõe um sujeito agente. Diz-se que a voz ativa é aquela em que o sujeito pratica a ação e que a reflexiva é a em que o sujeito sofre a ação que ele mesmo pratica. Ora, se ele não é agente, como teremos voz ativa e voz reflexiva nessas sentenças?

A GT, no entanto, classificará os dois verbos como de ação e, por isso, manterá a indicação de voz ativa e de voz reflexiva. Por que esses verbos não indicam ação? Ou indicam, mas não exatamente como preceitua a GT? Respondemos tais questões a partir de Kemmer (1993), que explica por que verbos como *agitar*, em (i), e *demitir-se*, em (ii) têm um NP sujeito que não é agente.

Ao definir voz média⁶¹, Kemmer (1993) argumenta que há uma propriedade semântica crucial para a natureza da voz média que não tem sido observada e que envolve a noção de *subject-affectedness*. Essa propriedade é denominada pela autora de *relative elaboration of events*, em que *eventos* compreende ações, processos e estados. É o parâmetro por meio do qual a reflexiva e a média podem ser situadas como categorias semânticas intermediárias em transitividade entre eventos de um participante e de dois participantes, o que diferenciará a voz reflexiva da voz média e, conseqüentemente, esta da voz ativa e da voz passiva.

Nesses eventos, Kemmer separa alguns verbos em tipos de situações que não envolvem um NP sujeito agente. É o caso do verbo *agitar*, no contexto em que se encontra, que faz parte dos chamados *eventos espontâneos*, os quais não estão diretamente ligados a uma ação humana. Então, *o vento* em (i) é a fonte da agitação das águas e sentença não vale como exemplo de voz ativa, já que o verbo não é agentivo. Já o verbo de (ii) pode ser incluído nas *ações emotivas do discurso*, que denotam o grau de afetabilidade do experienciador. Embora o pronome *se* pareça indicar reflexividade, o que acontece, na verdade, é que tal verbo está em um contexto reflexivo, mas sintaticamente o pronome é apenas um anafórico. É uma ocorrência de interface sintaxe-semântica ignorado por aqueles estudam a língua portuguesa.

Esses estudos levaram-nos a duas conclusões que, para nós, são fundamentais em se tratando do ensino da língua materna: 1) o número de exemplos inadequados para as vozes verbais, especialmente para a reflexiva, nos manuais do *corpus* deriva do fato de que não há distinção entre *contexto reflexivo* e *reflexividade*, e 2) o não-reconhecimento da existência da voz média também no PB, ainda que nem sempre marcada morfologicamente.

⁶¹ Cf. CAMACHO, R. G., **Em defesa da categoria de voz média no português**. 2003.

A partir dessas conclusões, sugerimos que o estudo das vozes verbais seja feito com base em uma teoria lingüística, como aqui o fizemos com a GB, e que os cursos de graduação em letras forneçam a seus alunos os conceitos pertinentes a essa(s) teoria(s), o que lhes dará suporte para que possam analisar com critério os manuais que utilizarão em suas salas de aula quando estiverem formados. Sem um aporte teórico, dificilmente haverá discernimento no ensino da língua materna e a tendência será a perpetuação dos equívocos relatados por nós nesta dissertação.

Quando afirmamos, no primeiro parágrafo, que as conclusões a que chegamos poderiam ser tanto negativas quanto alvissareiras, referíamo-nos ao fato de que a presença de tantos exemplos inadequados nos manuais analisados é negativa, mas aponta-nos o caminho para uma nova pesquisa, qual seja a de comprovar a existência da voz média também no PB, incorporando-a definitivamente aos nossos manuais de ensino. Se, no entanto, não houver a aceitação de sua existência ou de sua incorporação ao estudo da língua materna, é necessário que se revisem os conceitos de vozes verbais até aqui disseminados em nossas gramáticas.

REFERÊNCIAS

CAMACHO, R. G., **Em defesa da categoria de voz média no português. DELTA.**, São Paulo, v. 19, n. 1, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 Nov 2006. doi: 10.1590/S0102-44502003000100004.

COOK, V.; NEWSON, M. **Chomsky's universal grammar: an introduction.** Oxford: Blackwell, 1996.

CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax.** Cambridge: MIT Press, 1965.

_____. **On binding.** Linguistic Inquiry, 1980.

_____. **Language and problems of knowledge.** The Managua Lectures, Cambridge: MIT Press, 1988.

_____. **Conhecimento da História e construção Teórica na Linguística Moderna. DELTA.** [online]. 1997, vol.13, no.spe [cited 24 April 2006], p.133-155. Available from World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501997000300005&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0102-4450.

GALEANO, E. **O livro dos abraços.** Tradução de: Eric Nepomuceno. 9. ed. Porto Alegre : L&PM, 2002.

HAEGEMAN, L. **Introduction to government and binding theory.** 2. ed., Oxford: Blackwell, 1994.

KEMMER, S. **The middle voice.** John Benjamins, Amsterdam,(Typological studies in language, 23), 1993.

LASNIK , H.; CHOMSKY, N.. (Principles and parameters in syntactic theory. In: Hornstein and Lightfoot (eds), **Explanation in linguistics**, 1991.

LOBATO, L. M. P. **Sintaxe gerativa do português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação.** Belo Horizonte: Vigília, 1986.

MATTOSO CÂMARA JR., J. **Dicionário de lingüística e gramática**. Petrópolis, RJ : Vozes, 1977.

MIOTO, C. et al. **Manual de sintaxe**. 2. ed. rev. Florianópolis: Insular, 2000.

PLATÃO. **Ménon**. Tradução de: Ernesto Rodrigues Gomes. Lisboa: Universália, 1992.

PERINI, M. **A gramática gerativa: introdução ao estudo da sintaxe portuguesa**. Belo Horizonte: Vigília, 1976.

RIEMSDIJK, H.V.; WILLIAMS, E. **Introduction to the theory of grammar**, Cambridge: MIT Press, 1986.

RAPOSO, E. P. **Teoria da gramática**. A faculdade da linguagem. Lisboa: Editorial Caminho, 1992.

URIAGEREKA, J. **Rhyme and reason** . Cambridge : Mass. Mit Press, 1998.

OBRAS ANALISADAS:

ABAURRE, M. L.; PONTARA, M. N.; FADEL, T. **Português: Língua e Literatura**. São Paulo: Moderna, 2000.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 41 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1998.

CUNHA, Celso. **Nova Gramática do português contemporâneo**. 3 ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FARACO, C.E.;MOURA,F.M. **Português série brasil**. 1 ed. São Paulo : Ática, 2004.